

A CAMINHO DE EMAÚS

REVISTA DIGITAL DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES

MAIO DE 2026 - ANO XX - NÚMERO 118

RITO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

CATECÚMENOS RECEBEM OS
SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO
CRISTÃ E RENOVAM A
ESPERANÇA DA COMUNIDADE



EDITORIAL

ENCÍCLICA DO PAPA LEÃO XIV RECOLOCA A DIGNIDADE HUMANA NO CENTRO DA REFLEXÃO DA IGREJA

Junho chega até nós trazendo ainda muito viva a memória das experiências, celebrações e encontros que marcaram intensamente a caminhada da nossa comunidade ao longo do mês de maio. Mês mariano por excelência, maio sempre possui na vida da Igreja uma tonalidade própria, feita de oração, proximidade, ternura e confiança filial na intercessão daquela que, permanecendo junto dos discípulos no Cenáculo, continua acompanhando silenciosamente o caminho da Igreja através da história. Em nossa Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, também este mês foi marcado por inúmeras expressões de fé, comunhão e participação. Tivemos retiros, encontros de formação, celebrações comunitárias profundamente participadas, além da administração do sacramento da Crisma em diversos dias e para diferentes grupos da comunidade. Também os catecúmenos, depois de longo itinerário de preparação e amadurecimento na fé, receberam os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Primeira Eucaristia, iniciando agora sua caminhada como neófitos no interior da vida eclesial. Em meio a tantas atividades, nossa paróquia experimentou novamente aquilo que constitui o coração mais profundo da vida cristã, a Igreja não é uma organização religiosa movida apenas por estruturas e atividades, mas um povo reunido por Deus, chamado continuamente a nascer de novo pela graça, pela Palavra e pelos sacramentos. Enquanto tantas relações contemporâneas se tornam rápidas, funcionais e descartáveis, a vida comunitária continua sendo um dos últimos espaços onde o ser humano ainda pode ser chamado pelo nome, acolhido em sua fragilidade e reconhecido não pelo que produz, mas simplesmente porque é irmão.

Em meio às múltiplas atividades que marcaram a vida paroquial neste tempo, existe um elemento silencioso que unifica todas essas experiências e



que, muitas vezes, corre o risco de passar despercebido. Num mundo cada vez mais acelerado, marcado pela lógica da eficiência, pelo excesso de informações, pela superficialidade dos vínculos e pelo progressivo enfraquecimento das relações humanas, a vida de uma comunidade cristã continua sendo um testemunho profundamente contracultural. Enquanto tantas estruturas da sociedade contemporânea caminham para o isolamento, para a competitividade e para o enfraquecimento dos vínculos humanos, a comunidade eclesial permanece sendo espaço de encontro, de escuta, de convivência e de cuidado mútuo. Não deixa de ser profundamente significativo que, justamente num tempo em que as pessoas passam horas diante de telas, mergulhadas num fluxo contínuo de informações e interações virtuais, muitas vezes acompanhadas por uma crescente solidão interior, a Igreja continue reunindo pessoas em torno da Palavra, da Eucaristia, da oração e da experiência concreta da fraternidade. Deixa de ser profundamente significativo que, justamente num

tempo em que as pessoas passam horas diante de telas, mergulhadas num fluxo contínuo de informações e interações virtuais, muitas vezes acompanhadas por uma crescente solidão interior, a Igreja continue reunindo pessoas em torno da Palavra, da Eucaristia, da oração e da experiência concreta da fraternidade. É neste horizonte que a nova encíclica *Magnifica Humanitas*, do Papa Leão XIV, publicada no último mês de maio, encontra profunda ressonância na vida da Igreja e no coração de todos aqueles que se preocupam sinceramente com os rumos da humanidade.

A encíclica nasce num momento extremamente delicado da história humana. Pela primeira vez, a humanidade possui instrumentos tecnológicos capazes não apenas de facilitar tarefas ou ampliar possibilidades de comunicação, mas de interferir diretamente nos processos de decisão, no acesso à informação, na economia, no trabalho, na educação, na construção das relações sociais

e até mesmo na forma como o ser humano compreende a si próprio. O Papa percebe que estamos diante de algo muito maior do que uma simples evolução técnica. O que está em jogo já não é apenas a evolução técnica, mas a própria compreensão do humano. Pouco a pouco, instala-se na cultura contemporânea uma lógica perigosa que tende a avaliar as pessoas segundo critérios de produtividade, desempenho, eficiência e

utilidade. O valor humano passa a ser medido pela capacidade de produzir, responder rapidamente, adaptar-se e competir. Nesse contexto, os frágeis, os pobres, os idosos, os doentes e todos aqueles que não conseguem se encaixar aos padrões dominantes acabam sendo silenciosamente descartados. A cultura tecnocrática não elimina apenas pessoas. Ela corrói lentamente a capacidade de contemplar o outro como mistério, substituindo a dignidade pelo desempenho e a comunhão pela funcionalidade.

É justamente neste ponto que a encíclica assume uma profundidade não apenas social, mas profundamente teológica. O cristianismo jamais compreendeu o ser humano a partir da lógica da utilidade ou da eficiência. A dignidade humana nasce do fato de que cada pessoa foi criada à imagem e semelhança de Deus e permanece envolvida por um amor que antecede qualquer mérito, capacidade ou resultado. Quando a sociedade começa a absolutizar o desempenho, ela inevitavelmente entra em choque com a própria lógica do Evangelho. Afinal, o centro da fé cristã não é a glorificação da força, mas a revelação de um Deus que assume a fragilidade da carne humana. O Verbo se fez carne, habitou entre nós, conheceu o sofrimento, o cansaço, a dor, a limitação e até mesmo a morte. Num mundo fascinado pela ideia de superar limites, eliminar fragilidades e controlar todas as dimensões da existência humana, a Encarnação continua proclamando silenciosamente que há uma verdade sobre o homem que não nasce do poder, mas do amor. Existe, portanto, uma profunda contradição entre a tentativa contemporânea de construir um homem sem fragilidade e o mistério da Encarnação, no qual Deus escolhe salvar a humanidade exatamente assumindo aquilo que o mundo contemporâneo frequentemente tenta esconder ou superar.

Não por acaso, o Papa utiliza as imagens bíblicas de Babel e Jerusalém como chaves interpretativas da atual crise civilizatória. Babel representa a humanidade fascinada pelo próprio poder, convencida de sua autossuficiência e desejosa de alcançar o céu sem Deus. É a lógica da uniformidade, do

FICHA TÉCNICA

Instituição Responsável:

Paróquia Nossa Senhora
Aparecida e Santa Edwiges

Direção Geral

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS

Jornalista Responsável

Leonardo Bruno Cunha Ferreira

Redação

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS
Leonardo Bruno Cunha Ferreira
Débora Carneiro Ávila
Waldevira Bueno Pires de Moura

Fotografia

Pastoral da Comunicação
Arquivos da Paróquia

Diagramação

Gráfica e Editora América Ltda.

Contato

paroquiasantaedwiges16@gmail.com
(62) 3259-8374 - ☎ (62) 98410-0165

Endereço:

Rua C-252, quadra 589, lote 12,
Setor Nova Suíça - Goiânia - Goiás - Brasil
CEP: 74280-160

Instagram:

@paroquiasantaedwiges16

Site:

www.paroquiasantaedwiges16.org.br

Periodicidade

Mensal

domínio, da centralização do poder e da pretensão de controlar tudo. Jerusalém, ao contrário, nasce da reconstrução comunitária, da responsabilidade compartilhada, da solidariedade entre as pessoas, da memória comum e da presença de Deus no centro da vida do povo. Babel continua reaparecendo sempre que o homem acredita poder salvar-se sozinho, quando transforma a técnica em promessa de redenção e o progresso em substituto da transcendência. Jerusalém ressurge sempre que a humanidade redescobre que nenhuma sociedade permanece verdadeiramente humana quando Deus é expulso do horizonte da existência. O Papa parece perguntar silenciosamente ao mundo inteiro qual civilização estamos construindo. Uma humanidade marcada pela técnica sem transcendência ou uma sociedade capaz de utilizar o progresso sem perder a alma? Uma cultura do controle ou uma cultura da comunhão? Essa pergunta atravessa também a vida das nossas comunidades cristãs. Um dos maiores desafios pastorais do nosso tempo é justamente ajudar as pessoas a permanecerem humanas num contexto cada vez mais marcado pela superficialidade, pela dispersão e pela velocidade. Há o risco de que também a experiência religiosa se torne superficial, acelerada e esvaziada de interioridade. A encíclica nos recorda que nenhuma tecnologia poderá substituir aquilo que constitui o coração da experiência humana e cristã, a capacidade de amar, contemplar, escutar, sofrer com o outro, construir vínculos verdadeiros, abrir-se ao transcendente e reconhecer no próximo um irmão. A tecnologia aproxima telas, mas nem sempre aproxima corações. Multiplicam-se conexões digitais enquanto crescem silenciosamente a solidão, a ansiedade e o enfraquecimento das relações humanas profundas. Não é difícil perceber os reflexos concretos desta crise também em nossa realidade cotidiana. Crescem o cansaço emocional, a dificuldade de diálogo dentro das famílias, o isolamento silencioso de tantas pessoas, a ansiedade que atinge especialmente os jovens e a sensação de vazio que muitas vezes persiste mesmo em meio a uma sociedade hiper conectada e marcada pelo excesso

de estímulos. Talvez uma das maiores pobreza contemporâneas seja justamente esta incapacidade crescente de permanecer interiormente em silêncio, de escutar a própria consciência e de reencontrar o sentido mais profundo da existência. Não deixa de ser significativo que o próprio Papa, ao refletir sobre esta crise contemporânea, dialogue com intuições presentes também no pensamento de Viktor Frankl, especialmente quando aborda o vazio existencial e a perda de sentido que atravessam o homem contemporâneo. Uma das tarefas mais urgentes da Igreja hoje é justamente ensinar novamente o ser humano a permanecer em silêncio, rezar, escutar, contemplar e reencontrar-se consigo mesmo diante de Deus, numa época em que tudo parece empurrá-lo para fora de si.

Também a mensagem dirigida à Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, escrita pelo Superior Geral, Silvano Nicoletto, para a festa de São Gaspar Bertoni, a ser celebrada no dia 12 de junho, ajuda-nos a compreender a profundidade deste momento histórico e espiritual vivido pela Igreja. Ao refletir sobre os novos cenários da evangelização, ele recorda que o mundo contemporâneo atravessa não apenas uma crise econômica ou política, mas uma crise cultural, religiosa e de identidade. As rápidas transformações tecnológicas, os conflitos culturais, a fragmentação das relações humanas e a superficialidade dos vínculos virtuais exigem da Igreja não uma adaptação superficial às mudanças do tempo, mas uma redescoberta ainda mais profunda da própria identidade espiritual. Em sua mensagem, o Superior Geral recorda que “o missionário evangelizador é, antes de tudo, um cristão”, alguém que bebe continuamente “a água viva do poço profundo da relação com Jesus”. A observação possui enorme atualidade. Em meio ao risco de uma pastoral reduzida apenas à funcionalidade, à técnica ou à administração de estruturas, a Igreja é continuamente chamada a reencontrar a centralidade da experiência espiritual, da contemplação e da autenticidade evangélica.

Não deixa de ser profundamente significativo que a festa de São Gaspar Bertoni seja celebrada

justamente neste contexto litúrgico marcado pelas Solenidades de Pentecostes e da Santíssima Trindade e pela renovada reflexão sobre a missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo. O Fundador dos Estigmatinos compreendia a missão não como busca de protagonismo, mas como disponibilidade radical à ação de Deus e às necessidades da Igreja. A expressão tantas vezes retomada na espiritualidade bertoniana, *Contemplari et contemplata aliis tradere*, manifesta precisamente esta síntese entre contemplação e missão, oração e anúncio, interioridade e evangelização. Em tempos marcados pela agitação, pela dispersão e pelo excesso de superficialidade, talvez um dos testemunhos mais necessários seja exatamente este, homens e mulheres capazes de viver uma espiritualidade simples, profunda e autenticamente evangélica, permitindo que Cristo se torne novamente visível através da própria vida.

Há algo profundamente simbólico no fato de esta encíclica ter sido publicada dentro do mês mariano. Maria permanece sendo, para a Igreja, a expressão mais bela da humanidade reconciliada com Deus. Nela não encontramos pretensão de domínio, autossuficiência ou exaltação do poder. Encontramos escuta, disponibilidade, humildade, silêncio interior e abertura à graça. Enquanto a lógica de Babel procura construir-se sem Deus, Maria acolhe Deus dentro da própria vida. Enquanto o mundo contemporâneo frequentemente idolatra a eficiência e o controle, Maria continua ensinando à Igreja a espiritualidade da confiança, da presença e da fidelidade silenciosa. O Magnificat não é apenas um cântico de piedade. É também uma profunda proclamação teológica contra toda estrutura que absolutiza o poder, humilha os pobres e transforma pessoas em instrumentos. Neste ano, a liturgia ainda nos convida a contemplar a Solenidade da Santíssima Trindade, que possui precedência litúrgica sobre a festa da Visitação de Nossa Senhora. Não deixa de ser profundamente significativo que a Igreja conclua este intenso caminho pascal contemplando precisamente o mistério central da fé cristã, o Deus que é comunhão perfeita de amor

entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Diante de uma cultura frequentemente marcada pelo individualismo, pela fragmentação e pela solidão, a Santíssima Trindade permanece sendo a revelação de que o próprio fundamento último da realidade não é o isolamento, mas a comunhão.

Neste início de junho, enquanto a *Revista Digital A Caminho de Emaús* apresenta mais uma vez a riqueza da vida da nossa comunidade paroquial, somos convidados a fazer um discernimento profundo sobre os caminhos que estamos percorrendo como sociedade, como Igreja e como pessoas. O verdadeiro progresso jamais poderá ser medido apenas pelo avanço técnico ou pela capacidade de produzir mais rapidamente. O progresso verdadeiramente humano será sempre aquele que tornar o homem mais capaz de amar, de servir, de viver a justiça, de cuidar dos frágeis e de abrir-se à presença de Deus. O maior perigo do nosso tempo não está no surgimento de máquinas inteligentes, mas na possibilidade de surgirem seres humanos espiritualmente anestesiados, incapazes de interioridade, de compaixão, de contemplação e de esperança. E o drama mais silencioso da nossa época talvez seja precisamente este, possuir cada vez mais meios para viver e, ao mesmo tempo, perder lentamente as razões pelas quais vale a pena viver.

A nova encíclica de Papa Leão XIV recorda ao mundo inteiro que permanecer humano tornou-se hoje uma das formas mais urgentes de fidelidade ao Evangelho. Porque no centro da fé cristã não está a máquina, o algoritmo, o poder ou a eficiência, mas o próprio Cristo, o Filho de Deus que entrou na história humana, assumiu nossa carne e revelou definitivamente a dignidade infinita de cada pessoa humana. Num tempo em que tantas vozes disputam o coração humano, a Igreja continua recordando silenciosamente que somente Cristo é capaz de devolver ao homem sua verdadeira dignidade, sua esperança e o sentido mais profundo da existência.

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS

Pároco

RETIRO DA CATEQUESE BOM PASTOR DESPERTA CRIANÇAS PARA A BELEZA DA VIDA CRISTÃ

No dia 1º de maio, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu uma experiência particularmente significativa com a realização do Retiro das Crianças da Catequese Bom Pastor. O encontro aconteceu na Casa de Formação dos Estigmatinos, no Jardim América, em Goiânia, reunindo oito crianças em um ambiente cuidadosamente preparado para favorecer a oração, o silêncio, a contemplação e o aprofundamento da vida cristã. Em uma época na qual a infância é frequentemente marcada por estímulos constantes, excesso de informações e pouca oportunidade para a interiorização, o retiro ofereceu algo cada vez mais raro e precioso: tempo para escutar, rezar e descobrir a presença de Deus nas pequenas experiências da vida cotidiana.



A atividade foi conduzida por Márcia Monteiro Mendonça de Almeida Castro, integrante da Comissão para a Catequese e Iniciação à Vida Cristã da Arquidiocese de Goiânia, com a participação das catequistas Jaqueline de Sá e Marta Ávila, que acompanham esse trabalho em nossa comunidade. Ao longo do dia, as crianças foram convidadas a percorrer um itinerário espiritual que procurou unir conhecimento, experiência e oração. A proposta não consistia apenas em transmitir conteúdos religiosos, mas em favorecer um encontro vivo com Cristo, ajudando cada criança a perceber que a fé não é uma teoria ou um conjunto de normas, mas uma relação que se constrói gradualmente com Deus.

Dois temas ocuparam lugar central durante o retiro: a Santa Missa e o Sacramento da Reconciliação. Por meio de atividades práticas, momentos de reflexão e celebrações cuidadosamente preparadas, as crianças

confeccionaram o círio para a celebração da luz, elaboraram pergaminhos com máximas de Cristo e aprofundaram o significado do ato de contrição. Cada gesto possuía um valor pedagógico e espiritual. Mais do que explicar conceitos, a metodologia procurava conduzir as crianças à experiência concreta dos mistérios celebrados pela Igreja, ajudando-as a compreender que a liturgia não é apenas algo que se observa à distância, mas uma realidade da qual participamos e pela qual somos transformados.



A Catequese Bom Pastor ocupa hoje um lugar de destaque entre as mais importantes experiências catequéticas da Igreja. Nascida em Roma, na década de 1950, a partir do trabalho desenvolvido por Sofia Cavalletti, ela encontra suas raízes na Sagrada Escritura, na liturgia e nos princípios pedagógicos de Maria Montessori. Sua contribuição mais original talvez esteja na maneira como compreende a infância. Em vez de considerar a criança apenas como alguém que precisa aprender sobre Deus, essa metodologia parte da convicção de que ela possui uma profunda abertura ao mistério e uma capacidade real de responder ao amor divino. Sofia Cavalletti costumava afirmar que entre Deus e a criança existe uma relação misteriosa e privilegiada, que a catequese deve ajudar a florescer, jamais substituir.

Essa compreensão representa uma importante renovação na própria maneira de entender a evangelização das crianças. Durante muito tempo, a catequese foi identificada principalmente com a transmissão de conteúdos doutrinários. Evidentemente, o conhecimento da fé continua sendo essencial. Contudo, a Igreja reconhece cada vez mais que a iniciação cristã

precisa conduzir a uma experiência de encontro com Jesus Cristo. A criança não é apenas destinatária da ação evangelizadora. Ela é protagonista de uma autêntica caminhada espiritual, capaz de rezar, contemplar, acolher a Palavra de Deus e desenvolver uma relação sincera com o Senhor. Por isso, a verdadeira catequese não se limita a ensinar verdades religiosas; ela ajuda a despertar uma amizade que acompanhará a pessoa ao longo de toda a vida.



A experiência vivida durante o retiro recorda também a importância da infância na formação da personalidade e da fé. É nesse período que se estabelecem muitas das referências humanas, morais e espirituais que sustentam a vida adulta. Quando a comunidade cristã oferece às crianças oportunidades concretas de oração, convivência fraterna e participação na vida litúrgica, contribui para que elas descubram a beleza

da fé como fonte de sentido, esperança e pertença. Os frutos nem sempre aparecem imediatamente. Como toda semente, precisam de tempo para amadurecer. Mas é justamente nesse trabalho paciente e silencioso que a evangelização encontra uma de suas expressões mais fecundas.

Merece especial reconhecimento o trabalho realizado pelas catequistas que assumem a missão de acompanhar as novas gerações em sua caminhada cristã. Frequentemente desenvolvido longe dos holofotes, esse serviço constitui uma das tarefas mais importantes da ação evangelizadora da Igreja. São homens e mulheres que dedicam tempo, preparação e testemunho de vida para ajudar crianças e famílias a se aproximarem de Cristo. O retiro promovido pela Catequese Bom Pastor tornou visível essa missão e recordou à comunidade que investir na formação das crianças significa também investir no futuro da própria Igreja.

Ao proporcionar essa experiência, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges reafirma seu compromisso com a formação cristã das novas gerações. Mais do que uma atividade isolada, o retiro tornou-se uma oportunidade concreta de semear valores, fortalecer a fé e despertar nas crianças o desejo de caminhar com Jesus. Afinal, muitas das grandes escolhas da vida adulta encontram suas raízes nas experiências espirituais vividas ainda na infância, quando o coração aprende, pela primeira vez, a reconhecer a voz do Bom Pastor.

SEGUE-ME MOSTRA QUE A JUVENTUDE CONTINUA EM BUSCA DE SENTIDO, VÍNCULOS E ESPERANÇA

Entre os dias 1º e 3 de maio, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou mais uma edição do ENCONTRO DE JOVENS COM CRISTO – SEGUE-ME. Durante três dias, 53 jovens participaram de uma intensa experiência de oração, convivência, reflexão e partilha no Centro Pastoral Santa Edwiges.



Mais importante do que os números, porém, é compreender o que leva tantos jovens, em pleno século XXI, a dedicar um fim de semana à reflexão sobre a própria vida, sobre Deus, sobre suas relações e sobre o futuro. Em uma sociedade marcada pela velocidade, pela multiplicação de escolhas e pela pressão constante por desempenho, essa decisão revela que continuam vivas no coração humano perguntas que nenhuma tecnologia consegue responder plenamente.

Os jovens de hoje cresceram em um mundo de comunicação instantânea e acesso permanente à informação. Apesar disso, aumentam os sinais de ansiedade, insegurança emocional, dificuldade de construir relacionamentos duradouros e sensação de isolamento.

Nunca foi tão fácil comunicar-se e, paradoxalmente, nunca foi tão difícil estabelecer amizades profundas. Por trás dessa realidade permanece uma necessidade humana fundamental: encontrar razões para viver, pessoas com quem caminhar e horizontes capazes de sustentar a esperança. É justamente nesse contexto que o SEGUE-ME continua demonstrando sua relevância humana, social e espiritual.

Ao longo do encontro, os participantes foram convidados a olhar para a própria história, reconhecer limites e potencialidades, refletir sobre seus projetos de vida e confrontar-se com questões frequentemente escondidas sob o ritmo acelerado do cotidiano. A experiência proposta procura mostrar que a fé cristã não é apenas um conjunto de ensinamentos, mas o encontro com Jesus Cristo, capaz de iluminar decisões, fortalecer relações e oferecer direção para a existência.

Essa experiência encontrou ressonância no testemunho de Arthur Coutinho, de 23 anos, participante do 17º SEGUE-ME. “Adentrar mais a fundo e conhecer as pessoas que eu cresci vendo semanalmente na paróquia foi extraordinário”, afirmou. Para ele, o encontro possibilitou não apenas aprofundar a fé, mas também construir amizades e fortalecer o vínculo com a comunidade. Sua percepção revela uma característica importante da juventude atual: muitos jovens procuram espaços onde possam ser acolhidos, criar laços verdadeiros e encontrar sentido para suas escolhas.



O próprio nome do movimento revela sua inspiração fundamental. O convite “Segue-me”, dirigido por Jesus aos seus discípulos, continua alcançando novas gerações. A tradição cristã sempre reconheceu a juventude como tempo privilegiado de discernimento, quando se consolidam valores, amizades, escolhas profissionais e projetos familiares. Por isso, evangelizar os jovens significa ajudá-los a construir uma existência alicerçada em convicções capazes de sustentar a vida ao longo dos anos.

Os frutos do encontro ultrapassam a experiência individual dos participantes e alcançam também suas famílias. Não são poucos os pais que testemunham melhorias no diálogo, na convivência e na participação comunitária após a experiência vivida pelos filhos. Em um tempo marcado pela fragilidade dos relacionamentos, iniciativas que fortalecem a juventude acabam

contribuindo também para fortalecer os laços familiares e comunitários.

Outro aspecto relevante é sua dimensão comunitária. O SEGUE-ME mobiliza coordenadores, antigos seguidores, famílias e inúmeros voluntários que colocam seus talentos a serviço da evangelização. Essa participação recorda que a fé não amadurece no isolamento, mas cresce quando encontra uma comunidade capaz de acolher, acompanhar e caminhar junto.

Essa realidade foi destacada pela equipe dirigente do encontro. Para Carolyni Brito e Carlos Augusto Oliveira, a experiência confirmou algo que muitas vezes passa despercebido: “Nossos jovens têm sede do amor de Cristo e de Maria”. A afirmação ajuda a compreender por que iniciativas como essa continuam produzindo frutos. Por trás da organização e das atividades existe a convicção de que a juventude permanece aberta à experiência de Deus quando encontra testemunhos autênticos e uma comunidade disposta a acolhê-la.

Existe ainda uma dimensão social frequentemente pouco percebida. Nenhuma sociedade se sustenta apenas por estruturas econômicas ou avanços tecnológicos. Ela depende da formação de pessoas capazes de assumir responsabilidades, cultivar valores e colocar seus dons a serviço do bem comum. Investir na formação da juventude significa investir no futuro das famílias, das comunidades e da própria sociedade.



Ao final do encontro, permanecia entre os participantes uma percepção simples, mas profundamente significativa. As grandes perguntas da existência continuam habitando o coração humano. Quem sou eu? Qual caminho devo seguir? O que realmente vale a pena? Em meio às transformações culturais do nosso tempo, o SEGUE-ME recorda que o Evangelho continua oferecendo uma resposta capaz de iluminar a vida com sentido, fortalecer a comunhão e renovar a esperança. Como resumiu Arthur, “me sinto fortalecido em caminhar junto deles, sabendo que temos o mesmo propósito em Deus”. Talvez esteja aí uma das maiores contribuições do encontro: ajudar os jovens a descobrir que a fé cristã não é um caminho solitário, mas uma caminhada compartilhada, iluminada por Cristo e sustentada pela comunidade.

DIANTE DA EUCARISTIA, MINISTROS RENOVAM A FÉ QUE SUSTENTA A MISSÃO

O mês de maio foi marcado por importantes momentos de formação, espiritualidade e renovação missionária para os Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. Em duas ocasiões distintas, mas profundamente complementares, os ministros foram convidados a voltar o olhar para o centro da vida cristã: a Eucaristia. O encontro arquidiocesano realizado no Santuário Basílica Sagrada Família e a tradicional Adoração ao Santíssimo Sacramento vivida na paróquia ajudaram a recordar uma verdade fundamental da fé católica: toda missão da Igreja nasce de Cristo e para Ele retorna.



No dia 1º de maio, festa de São José Operário, mais de 2.500 ministros e ministras de toda a Arquidiocese de Goiânia participaram do Encontro Arquidiocesano dos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística. A celebração contou com a presença de Dom João Justino de Medeiros Silva, Dom Danival Milagres Coelho e Dom José Roberto dos Reis, que conduziram momentos de formação e reflexão dentro da programação do Ano Eucarístico Arquidiocesano, caminho de preparação para o 19º Congresso Eucarístico Nacional, que será celebrado em 2027. A participação dos ministros de nossa paróquia manifestou o compromisso permanente com a formação e com o aprofundamento da espiritualidade eucarística que sustenta esse importante serviço eclesial.

A Igreja sempre reconheceu na Eucaristia o coração de sua vida. O Concílio Vaticano II ensinou que ela é “fonte e ápice de toda a vida cristã”, expressão que sintetiza uma convicção presente desde os primeiros séculos. Na celebração eucarística, a comunidade não



apenas recorda a última ceia do Senhor, mas torna presente o mistério pascal de Cristo, sua paixão, morte e ressurreição. É desse mistério que a Igreja recebe sua força, sua unidade e sua missão. Por isso, cada vez que os fiéis se reúnem em torno do altar, renovam também sua identidade de povo chamado a viver a comunhão e a testemunhar o Evangelho no mundo.

O ministério extraordinário da Sagrada Comunhão encontra aí sua razão de ser. Os ministros são chamados a colaborar para que o Corpo de Cristo chegue aos fiéis reunidos nas celebrações e, de modo especial, aos enfermos e idosos que não podem participar da Missa. Trata-se de um serviço que ultrapassa a dimensão funcional. Ao levar a Eucaristia, o ministro leva também a proximidade da Igreja, a força da oração comunitária e o consolo da presença de Cristo. Em muitas situações de enfermidade, solidão ou fragilidade, a visita do ministro torna-se sinal concreto de que ninguém caminha sozinho e de que Deus continua presente nos momentos mais difíceis da existência.

Poucos dias depois, em 7 de maio, os ministros da paróquia reuniram-se para a Adoração ao Santíssimo Sacramento, realizada tradicionalmente na primeira quinta-feira de cada mês. Se o encontro arquidiocesano enfatizou a formação e a missão, a adoração recordou a necessidade da contemplação. Antes de distribuir a Eucaristia, é preciso aprender a permanecer diante dela. Antes de servir, é necessário adorar. A tradição espiritual da Igreja sempre compreendeu que a fecundidade da ação pastoral depende da profundidade da vida interior. Quem anuncia Cristo precisa, antes de tudo, cultivar uma amizade sincera com Ele.



A adoração eucarística constitui um prolongamento natural da própria Missa. Depois de alimentar seu povo com o Pão da Vida, Cristo permanece sacramentalmente presente, convidando os fiéis ao silêncio, à escuta e à oração. Em uma sociedade marcada pela pressa, pela dispersão e pelo excesso de estímulos, esses momentos tornam-se cada vez mais necessários. Permanecer diante do Santíssimo é redescobrir que a fé não se reduz a atividades ou compromissos pastorais, mas nasce de um encontro pessoal com o Senhor que

continua falando ao coração de seu povo.

Para os ministros da Eucaristia, essa experiência possui um significado ainda mais profundo. Aquele que leva Cristo nas mãos é constantemente chamado a colocá-lo no centro da própria vida. O risco de qualquer ministério é transformar-se apenas em tarefa ou função. A oração recorda continuamente que o verdadeiro protagonista da missão é o próprio Cristo. O ministro é apenas instrumento de uma graça que o precede, o acompanha e o sustenta.

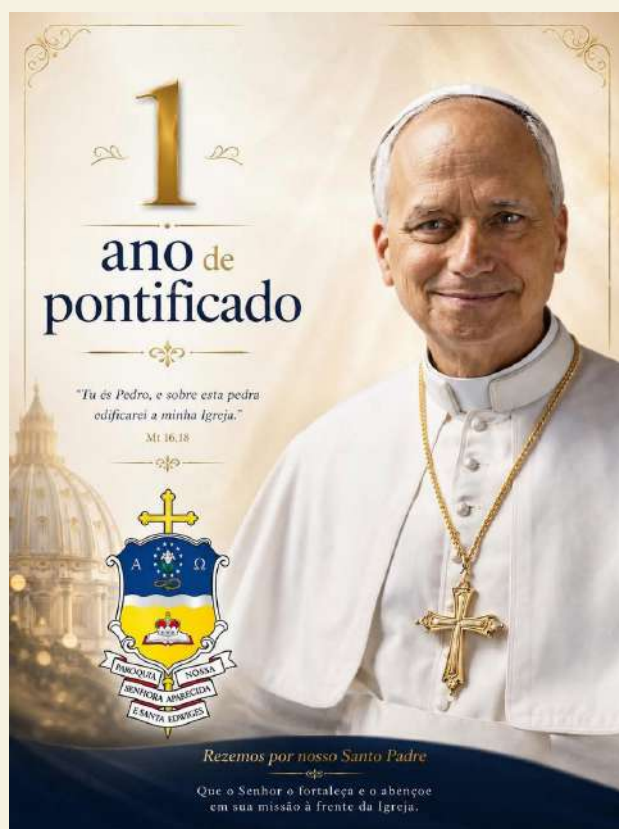
Os dois momentos vividos durante o mês de maio revelaram, portanto, dimensões inseparáveis da vocação eucarística. Formação e oração, serviço e contemplação, missão e adoração não são realidades opostas, mas complementares. A Igreja precisa de ministros preparados para servir, mas também de discípulos capazes de permanecer aos pés do Senhor. É dessa união entre altar e vida, entre Eucaristia celebrada e Eucaristia adorada, que nasce a força espiritual necessária para sustentar a caminhada da comunidade cristã.

Ao retornarem às suas comunidades, os ministros levaram consigo mais do que conteúdo ou orientações pastorais. Levaram a renovação de uma certeza que acompanha a Igreja há dois mil anos: é da Eucaristia que brota a missão, é nela que a comunidade encontra sua unidade e é dela que nasce a esperança capaz de sustentar o povo de Deus em todos os tempos



UM ANO DE PONTIFICADO MARCADO PELA DIGNIDADE HUMANA E PELA ESPERANÇA CRISTÃ

No dia 8 de maio, a Igreja celebrou o primeiro ano do pontificado do Papa Leão XIV. Embora do ponto de vista histórico se trate de um período relativamente breve, os primeiros meses de um Papa costumam revelar linhas de pensamento, prioridades pastorais e preocupações que ajudam a compreender o rumo que pretende imprimir ao seu ministério. Em um cenário internacional marcado por conflitos persistentes, rápidas transformações culturais, profundas mudanças tecnológicas e crescentes inquietações acerca do futuro da humanidade, Leão XIV vem procurando reafirmar uma convicção fundamental da tradição cristã: a pessoa humana não pode ser reduzida a instrumento de sistemas econômicos, interesses ideológicos ou processos tecnológicos, mas deve permanecer no centro de toda reflexão ética, social, política e religiosa. Essa preocupação atravessa suas mensagens, homilias e documentos, tornando-se uma das marcas mais perceptíveis deste primeiro ano.



Desde o início de seu ministério petrino, o Papa tem insistido na necessidade de uma Igreja profundamente enraizada no Evangelho e, ao mesmo tempo, capaz de

dialogar com os desafios concretos do mundo contemporâneo. Em diversas ocasiões, tem recordado que a missão da Igreja não consiste em adaptar-se simplesmente às mudanças culturais nem em fechar-se diante delas, mas em oferecer a luz do Evangelho para iluminar as questões humanas mais profundas. Suas intervenções frequentemente destacam a importância do testemunho cristão, da proximidade com os mais vulneráveis, da responsabilidade social da fé e da necessidade de construir uma cultura que coloque novamente a dignidade humana acima dos interesses econômicos, políticos ou tecnológicos. Trata-se de uma abordagem que procura unir fidelidade à tradição e atenção às novas questões que surgem no horizonte da humanidade.

Essa preocupação encontrou sua expressão mais ampla na encíclica *Magnifica Humanitas*, publicada em maio deste ano. No documento, Leão XIV enfrenta uma das questões mais relevantes do nosso tempo: o impacto da inteligência artificial e das novas tecnologias sobre a vida humana. Sem assumir uma postura de rejeição



ao progresso científico, o Papa reconhece os benefícios proporcionados pelos avanços tecnológicos, mas adverte para o risco de uma cultura que passe a medir o valor das pessoas exclusivamente por critérios de eficiência, produtividade ou desempenho. A encíclica recorda que nenhuma inovação tecnológica poderá substituir aquilo que torna cada ser humano único: sua consciência, sua liberdade, sua capacidade de amar, de criar vínculos e de abrir-se ao transcendente. Ao colocar a dignidade humana no centro desse debate, o Papa oferece uma contribuição significativa não apenas para os católicos, mas para toda a sociedade.

A escolha desse tema para sua primeira encíclica possui também um forte significado histórico. Assim como Leão XIII tornou-se referência ao enfrentar os desafios sociais da Revolução Industrial por meio da *Rerum Novarum*, Leão XIV dirige seu olhar para as profundas transformações provocadas pela revolução digital e pela expansão da inteligência artificial. Evidentemente, os contextos são diferentes, mas a pergunta de fundo permanece semelhante: como preservar a centralidade da pessoa humana em períodos de mudança acelerada? Ao abordar essa questão, o Papa demonstra que a Doutrina Social da Igreja continua sendo um instrumento vivo para interpretar a realidade e oferecer critérios éticos diante das novas situações que surgem ao longo da história.

Outro aspecto que merece destaque é sua constante insistência na vida espiritual. Em um tempo frequentemente marcado pela dispersão, pelo excesso de informações e pela dificuldade de cultivar o silêncio interior, Leão XIV tem chamado os fiéis a redescobrirem a oração, a escuta da Palavra de Deus e a participação nos sacramentos. Para ele, nenhuma renovação eclesial será autêntica se não nascer do encontro pessoal com Cristo. Essa ênfase recorda uma verdade muitas vezes esquecida: os desafios da Igreja não se resolvem apenas por estratégias pastorais, reformas estruturais ou iniciativas organizacionais. A força da comunidade cristã nasce, antes de tudo, de sua relação com Deus e da capacidade de permanecer fiel ao Evangelho em meio às circunstâncias concretas da história.

Suas intervenções também revelam uma preocupação constante com a unidade da Igreja e com a responsabilidade missionária de cada batizado. O Papa tem insistido que a evangelização não pode ser compreendida como tarefa exclusiva do clero, dos religiosos ou de determinados grupos pastorais. Toda a Igreja é

missionária. Cada cristão é chamado a testemunhar o Evangelho nos ambientes onde vive, trabalha e constrói suas relações. Essa visão reforça uma compreensão profundamente eclesial da missão, segundo a qual a Igreja não existe para si mesma, mas para anunciar Cristo e servir à humanidade. Ao mesmo tempo, recorda que a comunhão não significa uniformidade, mas a capacidade de caminhar juntos preservando a riqueza dos diversos carismas e vocações presentes no povo de Deus.



Ao completar seu primeiro ano de pontificado, ainda é cedo para avaliações definitivas. Os grandes processos da vida eclesial costumam revelar seus frutos ao longo do tempo. Contudo, algumas características já aparecem com nitidez: a defesa da dignidade humana diante das novas formas de desumanização, o esforço para promover uma cultura da esperança em meio às incertezas contemporâneas, a valorização da espiritualidade cristã e a convicção de que a Igreja deve continuar dialogando com o mundo sem perder sua identidade evangélica. Celebrar este aniversário é também renovar a oração pelo sucessor de Pedro, para que continue exercendo sua missão de confirmar os irmãos na fé e conduzir a Igreja pelos caminhos do Evangelho. Ao iniciar o segundo ano de seu pontificado, Leão XIV continua recordando uma verdade essencial da tradição cristã: o futuro da humanidade não depende apenas do progresso técnico ou econômico, mas da capacidade de reconhecer a dignidade de cada pessoa e de construir uma sociedade fundada na verdade, na justiça, na solidariedade e na esperança.

CONSELHO PASTORAL PAROQUIAL FORTALECE A COMUNHÃO E ORIENTA OS CAMINHOS DA MISSÃO

No dia 9 de maio de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges promoveu mais uma reunião do Conselho Pastoral Paroquial (CPP), com a participação de representantes das pastorais, movimentos, grupos, serviços e projetos que compõem a vida da comunidade. O encontro aconteceu em sintonia com a orientação da Arquidiocese de Goiânia, que convocou todas as paróquias para um momento de avaliação, planejamento e articulação das ações pastorais. Mais do que uma reunião administrativa, tratou-se de um exercício concreto de comunhão e corresponsabilidade, no qual diferentes carismas, experiências e áreas de atuação se encontraram para refletir sobre os desafios e as perspectivas da evangelização em uma das maiores e mais dinâmicas comunidades da Arquidiocese.



A existência do Conselho Pastoral Paroquial encontra fundamento no próprio Código de Direito Canônico. O cânon 536 prevê que, onde o bispo diocesano o considerar oportuno, seja constituído um conselho pastoral destinado a auxiliar o pároco na promoção da ação evangelizadora da comunidade. Embora possua caráter consultivo, sua importância ultrapassa qualquer compreensão meramente formal. O CPP expressa uma das intuições mais fecundas do Concílio Vaticano II: a participação de todo o povo de Deus na vida e na

missão da Igreja. Ele se torna espaço privilegiado de escuta, discernimento e partilha, permitindo que as decisões pastorais sejam iluminadas pela experiência concreta daqueles que atuam diariamente nos diversos setores da vida paroquial.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, essa realidade assume uma dimensão particularmente significativa. O Conselho é formado por 42 representantes das diversas pastorais, movimentos, grupos e projetos existentes na comunidade, configurando um organismo de notável representatividade e organicidade. Em uma paróquia que acolhe milhares de fiéis ao longo da semana, desenvolve intensa atividade sacramental, evangelizadora e social, e reúne uma grande diversidade de serviços e iniciativas, a existência de um conselho amplo e participativo revela uma importante maturidade eclesial. Mais do que representar setores específicos, seus membros ajudam a construir uma visão de conjunto da vida paroquial, favorecendo a unidade da missão e evitando que cada grupo caminhe isoladamente em relação aos demais.



Entre os temas abordados durante a reunião destacou-se a preparação para o 19º Congresso Eucarístico Nacional, que será realizado em Goiânia em 2027. O diácono Mauro Aparecido apresentou as diretrizes das missões que serão desenvolvidas

como preparação para esse importante acontecimento e explicou a participação dos missionários da paróquia nesse processo. A reflexão permitiu recordar que a Eucaristia permanece como fonte e ápice da vida cristã, lugar onde a Igreja encontra sua identidade mais profunda e de onde brota toda autêntica ação evangelizadora. Preparar-se para um Congresso Eucarístico significa também renovar a consciência de que toda pastoral encontra sua razão de ser no encontro com Cristo e na construção da comunhão eclesial.

Outro ponto importante da pauta foi a avaliação da Semana Santa de 2026. Os participantes destacaram a expressiva participação dos fiéis nas celebrações e o empenho das diversas equipes envolvidas na organização dos eventos litúrgicos e pastorais. A análise permitiu reconhecer os frutos de um trabalho realizado de forma conjunta e evidenciou a capacidade da comunidade de mobilizar pessoas, ministérios e recursos em torno das celebrações centrais da fé cristã. Também foram apresentadas orientações referentes à utilização do Centro Pastoral Santa Edwiges. O pároco, Padre Rubens Sodré Miranda, recordou a importância da boa conservação dos espaços comunitários, destacando que o patrimônio da paróquia constitui um bem comum colocado a serviço da evangelização e do crescimento da comunidade.

A tradicional festa junina também integrou os assuntos tratados. O coordenador do evento, Leonardo Bruno, apresentou informações sobre os preparativos e o planejamento de uma das iniciativas mais aguardadas pela comunidade. Além de sua dimensão cultural e recreativa, a festa possui importante significado pastoral, pois favorece a convivência fraterna, fortalece os vínculos comunitários e cria oportunidades de integração entre pessoas que participam de diferentes grupos e atividades da paróquia. Em uma comunidade tão rica em carismas, ministérios e serviços, momentos como esse ajudam a transformar a diversidade em comunhão e a fortalecer os laços que sustentam a missão evangelizadora da Igreja.



Especial relevância teve a apresentação realizada pelo geólogo Péricles Prado, que compartilhou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a área de abrangência da paróquia. As informações relativas ao crescimento populacional, à expansão urbana e ao perfil demográfico da região foram acolhidas como importante instrumento para o planejamento pastoral. A evangelização não acontece no vazio. Ela se realiza em uma realidade concreta, marcada por mudanças sociais, econômicas e culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas. Uma pastoral eficaz exige não apenas boa vontade e generosidade, mas também a capacidade de ler os sinais dos tempos e interpretar adequadamente a realidade na qual a comunidade está inserida.

Ao final do encontro, permaneceu a convicção de que uma paróquia viva e missionária não se constrói a partir de iniciativas isoladas, mas por meio da participação responsável de toda a comunidade. O Conselho Pastoral Paroquial expressa precisamente essa riqueza: diferentes vocações, ministérios, serviços e carismas reunidos em torno de uma única missão. Em um tempo em que a Igreja é chamada a crescer cada vez mais na prática da sinodalidade, o CPP continua sendo um espaço privilegiado de escuta, diálogo, discernimento e construção conjunta dos caminhos da evangelização, ajudando a comunidade a permanecer fiel ao Evangelho e atenta às necessidades concretas do povo de Deus.

COMUNIDADE HOMENAGEIA AS MÃES E RECORDA A BELEZA DE UMA VOCAÇÃO QUE GERA VIDA

O Dia das Mães foi celebrado de forma especial na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges no domingo, 10 de maio. Em todas as Missas, a comunidade reuniu-se para agradecer a Deus pelo dom da maternidade e prestar homenagem àquelas que, por meio de incontáveis gestos de amor, cuidado e dedicação, ajudam diariamente a sustentar a vida das famílias e a construir uma sociedade mais humana. Mais do que uma data comemorativa, as celebrações tornaram-se uma oportunidade para refletir sobre a grandeza da vocação feminina e sobre a contribuição silenciosa, mas decisiva, que tantas mulheres oferecem à Igreja e ao mundo. Em uma época marcada por rápidas transformações culturais e sociais, recordar o valor da maternidade significa também reconhecer a importância daqueles vínculos fundamentais que ajudam a formar pessoas, transmitir valores e sustentar a esperança das novas gerações.



Poucas experiências humanas são tão universais quanto a memória da própria mãe. É junto dela que a maioria das pessoas aprende as primeiras palavras, descobre os primeiros gestos de carinho, experimenta os primeiros cuidados e encontra o ambiente necessário para crescer e amadurecer. A maternidade ocupa um lugar singular na experiência humana porque está ligada não apenas ao nascimento biológico, mas ao permanente trabalho de formar, educar, orientar, corrigir e acompanhar. Em um mundo frequentemente marcado pelo individualismo, pela pressa e pela lógica da utilidade, a figura materna continua recordando que a vida floresce através da presença, da paciência e da capacidade de amar gratuitamente. Muitas das atitudes que sustentam a convivência humana, como

a solidariedade, a confiança, o respeito e a capacidade de cuidar do outro, encontram suas primeiras sementes no ambiente familiar e, de modo muito particular, na dedicação cotidiana das mães.



As homenagens realizadas pela comunidade também permitiram recordar que a maternidade não se expressa apenas nos momentos felizes e serenos da vida familiar. Muitas mulheres exercem sua missão em meio a desafios que raramente aparecem aos olhos dos outros. Há mães que sustentam sozinhas seus lares, enfrentando longas jornadas de trabalho para garantir dignidade e futuro aos filhos. Há aquelas que convivem diariamente com enfermidades, dificuldades financeiras, preocupações constantes e incertezas sobre o amanhã. Existem também mães que carregam no coração o sofrimento provocado por filhos que enfrentam dependências, conflitos familiares, escolhas equivocadas ou situações que lhes causam profunda dor. Apesar disso, continuam rezando, esperando, acolhendo, perdoadando e amando. Talvez seja justamente nesses contextos que a maternidade revele uma de suas expressões mais nobres. O amor materno não se limita aos momentos de alegria. Ele permanece presente mesmo quando encontra incompreensões, fracassos ou distâncias. É um amor que insiste, persevera e nunca abandona completamente aqueles que lhe foram confiados.

A tradição cristã contempla essa realidade à luz da própria ação de Deus. A Sagrada Escritura utiliza diversas imagens maternas para falar da ternura divina, enquanto a Igreja reconhece em Maria a mais perfeita

expressão da vocação feminina. Ao acolher o chamado de Deus, a Mãe de Jesus tornou-se modelo de confiança, disponibilidade e fidelidade. Sua maternidade não se limita ao nascimento de Jesus em Belém. Ao longo de toda a sua vida, Maria acompanhou os passos do Filho, guardou suas palavras no coração, enfrentou as incertezas da caminhada e permaneceu firme até os pés da cruz. Por isso, sua figura continua inspirando não apenas as mães, mas todas as mulheres chamadas a viver a vocação do cuidado, da escuta, da presença e da entrega. Um dos momentos mais significativos das celebrações aconteceu justamente na Missa das 9 horas, quando as crianças da catequese participaram vestidas sob diferentes títulos de Nossa Senhora. A homenagem uniu beleza, ternura e profundidade espiritual, ajudando a recordar que toda maternidade autêntica possui algo da acolhida e da esperança que encontramos em Maria.

Ao mesmo tempo, a tradição cristã ensina que a fecundidade feminina ultrapassa a maternidade biológica. Ao longo dos séculos, inúmeras mulheres tornaram-se mães espirituais de gerações inteiras. Santa Catarina de Sena influenciou a vida da Igreja e da sociedade com sua coragem e sabedoria. Santa Teresa de Jesus permanece como uma das maiores mestras da espiritualidade cristã. Santa Teresinha do Menino Jesus continua iluminando milhões de pessoas com sua simplicidade evangélica. Santa Teresa de Calcutá transformou sua vida em acolhimento dos pobres, dos doentes e dos abandonados. Nenhuma delas gerou filhos, mas todas geraram esperança, fé, humanidade e renovação espiritual. A Igreja reconhece nelas uma expressão profunda da vocação feminina, capaz de transformar vidas através da educação, da evangelização, do serviço e do testemunho. Sua história recorda que a verdadeira

fecundidade nasce do amor e da capacidade de dedicar a própria vida ao bem dos outros.

A celebração também permitiu recordar uma realidade frequentemente confirmada pela psicologia, pela pedagogia e pelas ciências sociais. Os primeiros vínculos afetivos exercem influência decisiva sobre a formação da personalidade, da autoestima e da capacidade de construir relacionamentos saudáveis. Embora a educação dos filhos seja responsabilidade compartilhada pela família, a presença feminina frequentemente ocupa um lugar central nesse processo, ajudando a transmitir valores, segurança emocional, confiança e sentido de pertença. Muitas das convicções que acompanham uma pessoa por toda a vida nascem precisamente dentro do ambiente familiar, sob a influência paciente e constante das mães. Não por acaso, comunidades fortes e sociedades mais humanas costumam estar associadas à presença de famílias capazes de educar para a responsabilidade, para o respeito e para a solidariedade. Ao final das celebrações, permanecia entre os fiéis um profundo sentimento de gratidão. Em cada mãe homenageada, a comunidade reconhecia milhares de gestos silenciosos que raramente recebem destaque, mas que sustentam a vida cotidiana e ajudam a construir o futuro. Quando a Igreja agradece pelas mães, agradece também por uma das formas mais concretas através das quais Deus continua cuidando da humanidade. Celebrar o Dia das Mães foi, portanto, celebrar o amor que persevera, a esperança que não desiste e a capacidade de transformar vidas através da doação de si. Em cada mulher que acolhe, educa, protege, orienta e ama, o mundo continua encontrando uma de suas mais preciosas fontes de humanidade, ternura e esperança.



DOM WASHINGTON CRUZ AOS 80 ANOS, GRATIDÃO POR UMA VIDA DEDICADA AO EVANGELHO

O mês de maio oferece à Igreja em Goiânia uma ocasião especial para render graças a Deus pelos 80 anos de vida de Dom Washington Cruz, CP, arcebispo emérito da Arquidiocese de Goiânia. Mais do que recordar uma data significativa, a celebração convida a revisitar uma trajetória profundamente ligada à evangelização, à formação de pessoas, ao fortalecimento das comunidades e ao serviço prestado à Igreja ao longo de décadas de ministério sacerdotal e episcopal. Em tempos marcados pela rapidez das mudanças e pela sucessão constante dos acontecimentos, celebrar a vida de quem dedicou tantos anos ao anúncio do Evangelho é também reconhecer a ação de Deus na história da Igreja.



Nascido em Itabuna, na Bahia, em 25 de maio de 1946, Dom Washington ingressou ainda jovem na Congregação da Paixão de Jesus Cristo, os Passionistas. Sua formação religiosa, filosófica e teológica ajudou a moldar uma espiritualidade profundamente centrada no mistério da cruz de Cristo. Essa herança aparece sintetizada em seu lema episcopal, *Praedicamus Crucifixum* — “Anunciamos o Crucificado” (1Cor 1,23). Mais do que uma expressão teológica, o lema traduz uma compreensão da missão cristã marcada pela proximidade com as pessoas, pela confiança em Deus e pela convicção de que a esperança nasce mesmo em meio aos desafios e sofrimentos da vida humana.

Ao assumir a Arquidiocese de Goiânia em 2002, Dom Washington passou a conduzir uma Igreja inserida em uma região de intenso crescimento populacional e de profundas transformações sociais. Durante quase

vinte anos de ministério arquiépiscopal, acompanhou comunidades urbanas e rurais, incentivou a formação de lideranças, promoveu iniciativas pastorais e participou de importantes processos de renovação da vida eclesial. Sua atuação coincidiu com um período de expansão da Arquidiocese e de fortalecimento de sua presença evangelizadora, contribuindo para aproximar ainda mais a ação pastoral das realidades concretas vividas pelo povo de Deus.



Entre os muitos frutos de seu episcopado está a atenção dedicada à formação. Sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos encontraram em seu ministério incentivo para aprofundar a própria vocação e assumir responsabilidades na vida da Igreja. Muitas lideranças que hoje servem em diferentes comunidades iniciaram ou amadureceram sua caminhada durante esse período. Da mesma forma, inúmeros sacerdotes receberam dele a ordenação presbiteral ou foram acompanhados em etapas importantes de sua formação e de seu ministério. Trata-se de uma herança silenciosa, mas profundamente fecunda, pois continua produzindo frutos na vida das comunidades e na missão evangelizadora da Igreja.

Ao recordar sua trajetória, não são apenas obras, projetos ou realizações institucionais que vêm à memória. Permanecem também as lembranças de um pastor próximo das pessoas, atento à vida das comunidades e comprometido com a construção da comunhão eclesial. Em diferentes momentos da história arquidiocesana, Dom Washington procurou exercer seu ministério como serviço, favorecendo o diálogo, a participação e a corresponsabilidade na missão da

Igreja. Essa atitude ajudou a fortalecer vínculos e a consolidar uma cultura pastoral baseada na colaboração e na unidade.

A história da Arquidiocese de Goiânia foi construída pela dedicação de muitos homens e mulheres que, em diferentes épocas, colocaram seus dons a serviço do Evangelho. Entre eles encontram-se os bispos que assumiram a responsabilidade de conduzir o povo de Deus em momentos distintos da caminhada eclesial. Dom Washington integra essa história como um dos pastores que ajudaram a preparar a Igreja para os desafios de um novo tempo, deixando contribuições que continuam presentes na vida das comunidades. Os frutos de seu ministério permanecem incorporados à caminhada arquidiocesana, hoje conduzida por Dom João Justino de Medeiros Silva, em continuidade à missão que atravessa as gerações e pertence, em última instância, ao próprio Cristo.

Celebrar os 80 anos de Dom Washington é, portanto, um gesto de gratidão. Gratidão pela vida, pela vocação religiosa, pelo ministério sacerdotal, pelos anos dedicados ao episcopado e pelo serviço prestado à Igreja em Goiás. Mais do que recordar acontecimentos do passado, a data convida a reconhecer que o bem realizado continua produzindo frutos muito além do

tempo em que foi semeado. A Igreja agradece a Deus por sua vida e pede que continue concedendo saúde, serenidade e paz àquele que dedicou sua existência ao anúncio do Evangelho.



Em uma época em que tantas referências parecem passageiras, histórias como a de Dom Washington recordam que a verdadeira grandeza de uma vocação não se mede pelo reconhecimento recebido, mas pela capacidade de servir. Ao celebrar seus 80 anos, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges agradece não apenas pelo que ele realizou, mas pelo testemunho de fé, perseverança e dedicação que continua inspirando novas gerações de cristãos a colocarem a própria vida a serviço de Deus e dos irmãos.

NOVO GOVERNO PROVINCIAL INICIA CAMINHADA MARCADA POR FRATERNIDADE, MISSÃO E ESPERANÇA

O dia 15 de maio de 2026 marcou um momento importante para a Província São José da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Após uma semana de oração, discernimento, reflexão e escuta fraterna, foi concluído o XVI Capítulo Provincial, ocasião em que os representantes da Província elegeram o novo Governo Provincial para



conduzir a Congregação no triênio 2026–2029. Foram escolhidos para essa missão o Pe. Eriberto Xavier dos Santos, CSS, como Superior Provincial; o Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS, como Vigário Provincial e 1º Conselheiro; o Pe. Wesley Souza Dias Barroso, CSS, como 2º Conselheiro; o Pe. Fernando de Assis Queiroz, CSS, como 3º Conselheiro; e o Pe. Alexsandro Ribeiro Nunes, CSS, como 4º Conselheiro.

A notícia possui um significado especial para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. O novo Superior Provincial, Pe. Eriberto Xavier dos Santos, exerce atualmente seu ministério sacerdotal na comunidade como vigário paroquial, participando diariamente da vida pastoral, litúrgica e evangelizadora da paróquia. Ao longo dos últimos anos, os fiéis aprenderam a conhecê-lo pela simplicidade, proximidade e dedicação com que vive seu sacerdócio. Agora, o mesmo sacerdote que acompanha a vida da

comunidade assume também a responsabilidade de animar e coordenar a caminhada dos Estigmatinos presentes em diversas regiões do país. A eleição torna-se, assim, motivo de alegria para a paróquia e também convite à oração por uma missão que ultrapassa os limites da comunidade local. Também o Pe. Rubens Sodré Miranda, pároco da comunidade, foi eleito Vigário Provincial e 1º Conselheiro, fortalecendo ainda mais os vínculos entre a vida da Congregação e a vida paroquial.



O Capítulo Provincial ocupa lugar central na vida religiosa. Mais do que uma assembleia destinada à escolha de dirigentes, trata-se de um tempo privilegiado de discernimento comunitário, no qual os religiosos avaliam a caminhada realizada, identificam desafios, reconhecem necessidades e projetam os caminhos futuros da missão. Inspirados pelo lema *Euntes docete* – “Ide e ensinai” (Mt 28,19), os capitulares refletiram sobre a identidade missionária da Congregação e sobre a forma como o carisma de São Gaspar Bertoni continua sendo vivido e testemunhado nas diversas obras e presenças estigmatinas. Para o Fundador, a autoridade nunca foi compreendida como privilégio ou poder, mas como serviço prestado aos irmãos e à missão da Igreja. Governar significa ajudar a comunidade a permanecer fiel ao Evangelho, fortalecer a comunhão e favorecer a realização da missão recebida de Cristo.

As reflexões realizadas durante o Capítulo revelaram preocupações que vão muito além da organização administrativa da Província. Entre os temas mais presentes estiveram o fortalecimento da fraternidade religiosa, a valorização da corresponsabilidade, a aproximação entre as diferentes gerações de confrades e a renovação do impulso missionário que caracteriza a identidade estigmatina. Em sua primeira mensagem ao novo Conselho Provincial, o Pe. Eriberto recordou que governar uma Província religiosa exige espírito de comunhão, capacidade de escuta e disposição para cuidar do bem comum acima dos interesses individuais. Em uma sociedade marcada pelo individualismo e pela fragilidade de muitos vínculos humanos, a vida

religiosa é chamada a oferecer o testemunho de comunidades capazes de viver a confiança recíproca, a partilha e o espírito de família que sempre caracterizaram a tradição da Congregação.

Essas reflexões encontram suas raízes no próprio carisma de São Gaspar Bertoni. Os Estigmatinos definem-se tradicionalmente como *Missionarii Apostolici in obsequium Episcoporum* — missionários apostólicos a serviço dos bispos. Essa expressão resume uma espiritualidade marcada pela disponibilidade, pela colaboração e pelo desejo de servir a Igreja onde ela mais necessita. Ao reafirmar essa identidade, o Capítulo recordou que a Congregação é chamada a permanecer aberta aos desafios do tempo presente, conservando vivo o espírito missionário que inspirou suas origens e continua orientando sua presença evangelizadora. As decisões tomadas durante a assembleia não dizem respeito apenas à vida interna dos religiosos. Elas influenciam diretamente a formação dos futuros sacerdotes, a organização das comunidades, os projetos missionários e o serviço que os Estigmatinos prestam à Igreja em diferentes regiões do Brasil.

Para os fiéis da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, acompanhar esse momento significa perceber que a vida da Igreja é construída por múltiplas formas de participação e serviço. A presença do novo Superior Provincial e do novo Vigário Provincial na própria comunidade torna mais próxima uma realidade que, muitas vezes, poderia parecer distante. Ao mesmo tempo, recorda que a missão da Igreja sempre ultrapassa os limites de uma única paróquia, convidando todos a olhar para horizontes mais amplos de comunhão e evangelização.

Ao iniciar este novo triênio, a Província São José volta seu olhar para o futuro sem perder a riqueza de sua história. Confiados à intercessão dos Santos Esposos, Maria Santíssima e São José, e de São Gaspar Bertoni, os Estigmatinos renovam seu compromisso de testemunhar o Evangelho, servir a Igreja com generosidade e responder com criatividade aos desafios do tempo presente. Para a comunidade paroquial permanece a alegria de acompanhar de perto esse novo momento da Congregação, sustentando seus religiosos com a amizade, a oração e a gratidão pelo serviço que diariamente realizam em favor do povo de Deus. A eleição do novo Governo Provincial abre uma nova etapa da caminhada estigmatina, mas conserva intacta a inspiração que move a Congregação desde São Gaspar Bertoni, colocar-se a serviço da Igreja onde ela mais necessita e anunciar o Evangelho com espírito de disponibilidade, comunhão e esperança.

NÚCLEO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO CONSOLIDA IDENTIDADE E PROJETA NOVOS HORIZONTES PARA A COMUNIDADE

Cuidar da pessoa humana sempre esteve no coração da missão da Igreja. Ao longo dos séculos, comunidades cristãs construíram escolas, hospitais, obras sociais e inúmeras iniciativas voltadas à promoção da vida e da dignidade humana. Em nosso tempo, marcado por profundas transformações culturais e pelo crescimento dos sofrimentos emocionais, esse compromisso assume novos desafios. Ansiedade, depressão, conflitos familiares, solidão, dependências e crises existenciais passaram a fazer parte da realidade de muitas pessoas e famílias. Diante desse cenário, cresce também a consciência de que evangelizar significa acolher, escutar, acompanhar e promover caminhos que favoreçam a vida em sua plenitude.



Foi dentro dessa perspectiva que aconteceu, no dia 16 de maio, a reunião do Núcleo de Atendimento Psicológico (NAP) da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. Convocados pelo pároco, Pe. Rubens, estiveram reunidos os profissionais que integram o Núcleo para avaliar a caminhada já realizada e refletir sobre os próximos passos desse importante serviço oferecido à população. Atualmente, o NAP conta com doze profissionais e realiza atendimentos de segunda a sexta-feira, nos períodos matutino e vespertino, além dos atendimentos aos sábados pela manhã. Ao longo de sua trajetória, inúmeras pessoas e famílias já encontraram nesse serviço acolhimento, escuta qualificada e

acompanhamento diante de situações de sofrimento emocional, conflitos familiares, processos de luto e outras fragilidades que atravessam a vida humana. Mais do que discutir aspectos operacionais, o encontro permitiu aprofundar a reflexão sobre a identidade, a missão e os horizontes futuros que orientarão o desenvolvimento do Núcleo nos próximos anos.



Vivemos uma época em que os avanços tecnológicos convivem com índices crescentes de sofrimento psíquico. Nunca houve tantas possibilidades de comunicação e, ao mesmo tempo, tantas experiências de isolamento, insegurança e fragilidade interior. Muitas dores permanecem escondidas atrás de rotinas aparentemente normais. Por isso, cresce a compreensão de que a saúde mental não é apenas uma questão clínica, mas uma dimensão essencial da qualidade de vida, das relações humanas e da própria construção do bem comum. Cuidar da saúde emocional significa também fortalecer famílias, prevenir conflitos, favorecer vínculos saudáveis e contribuir para uma sociedade mais equilibrada e humana.

Foi justamente essa preocupação que esteve presente ao longo da reunião. Os participantes dedicaram atenção especial à definição da missão, da visão e dos valores que deverão orientar o trabalho do Núcleo nos próximos anos. Entre os princípios destacados aparecem o acolhimento sem julgamentos, a escuta ativa, o respeito à dignidade da pessoa humana, a valorização da família, o compromisso com a vida e a atuação pautada pela ética e pela responsabilidade profissional. Mais do que organizar um serviço, o grupo procura

consolidar uma identidade capaz de unir competência técnica, sensibilidade humana e inspiração cristã, oferecendo à comunidade um espaço cada vez mais sólido de acolhimento, orientação e acompanhamento.

A tradição cristã sempre compreendeu o ser humano de maneira integral. Corpo, mente, afetividade, espiritualidade e relações não constituem compartimentos isolados, mas dimensões que se influenciam mutuamente. Por isso, a atenção à saúde emocional não representa um acréscimo secundário à missão evangelizadora da Igreja. Ela nasce da própria compreensão cristã da pessoa humana como imagem de Deus, chamada a viver com liberdade interior, esperança e capacidade de amar. Quando alguém encontra espaço para ser escutado e acompanhado, torna-se possível iniciar processos de reconstrução, amadurecimento e renovação da própria vida.

O diálogo desenvolvido durante a reunião deixou claro que o Núcleo não pretende limitar sua atuação ao atendimento individual. Aos poucos amadurece a convicção de que a saúde emocional precisa ser trabalhada também de forma preventiva e comunitária. Por isso, entre os projetos discutidos aparecem iniciativas de formação, palestras, rodas de conversa e ações educativas que possam ajudar famílias, jovens, casais e lideranças a enfrentar com maior serenidade os desafios da vida contemporânea. Mais do que atender situações já instaladas de sofrimento, o objetivo é contribuir para

a construção de ambientes humanos mais saudáveis dentro da própria comunidade.

Outra perspectiva que começa a tomar forma é a integração progressiva de diferentes áreas do cuidado humano. A expectativa partilhada durante a reunião é que, à medida que os projetos sociais e comunitários da paróquia continuem se desenvolvendo, seja possível reunir outros profissionais da área da saúde e ampliar os serviços oferecidos à população. Ainda que esse horizonte esteja em fase de construção, ele aponta para uma compreensão cada vez mais abrangente da missão da Igreja, que procura estar presente junto às pessoas em suas múltiplas necessidades e desafios.

Ao consolidar sua identidade e ampliar sua visão de futuro, o Núcleo de Atendimento Psicológico reafirma sua vocação de servir à comunidade através da escuta qualificada, da promoção da saúde emocional e da valorização da pessoa humana. Os caminhos que começam a ser delineados apontam para uma presença cada vez mais significativa na vida paroquial, fortalecendo não apenas os atendimentos já realizados, mas também novas iniciativas de formação, prevenção e acompanhamento. Trata-se de um projeto que continua crescendo e que expressa o desejo de nossa comunidade de estar cada vez mais próxima das pessoas, especialmente daquelas que enfrentam momentos de fragilidade e necessitam encontrar apoio, orientação e esperança.

RETIRO REÚNE MAIS DE 350 CATECUMENOS E CRISMANDOS EM PREPARAÇÃO PARA A CONFIRMAÇÃO DA FÉ

No dia 16 de maio de 2026, o Colégio Marista, em Goiânia, recebeu mais de 350 catecúmenos e crismandos da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges para um retiro espiritual que marcou uma etapa decisiva de sua caminhada de fé. O encontro reuniu aqueles que se preparavam para receber os sacramentos da iniciação cristã e os que se aproximavam da celebração da Crisma, oferecendo um dia intenso de oração, reflexão, convivência e aprofundamento espiritual. Participaram também os sacerdotes Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS, e Pe. Eriberto Xavier dos Santos, CSS, treze catequistas, três coordenadores da catequese, seis Irmãs Franciscanas da Divina Misericórdia, os jovens do Grupo Cristo Alegria e o músico

Thiago Fernandes Gonçalves, que contribuíram para a condução dos diversos momentos do retiro.



Inspirado na parábola do semeador, o encontro teve como tema central “A semente é a Palavra de Deus”. A proposta procurou conduzir os participantes a uma reflexão sobre o modo como cada pessoa acolhe a Palavra de Deus em sua própria vida. Utilizando diferentes símbolos, experiências e passagens bíblicas, o retiro ajudou os jovens e adultos a reconhecer os desafios que dificultam o crescimento da fé e, ao mesmo tempo, a descobrir os caminhos que permitem à Palavra produzir frutos de conversão, perseverança e compromisso cristão.

Ao longo do dia, os participantes percorreram um verdadeiro itinerário espiritual construído a partir dos diversos terrenos apresentados por Jesus na parábola do semeador. O primeiro momento, conduzido pela Irmã Amanda, refletiu sobre a vocação cristã recebida no Batismo e sobre a identidade dos filhos de Deus chamados a ser luz para o mundo. Em seguida, a Irmã Katiane abordou a realidade da semente caída à beira do caminho, convidando os participantes a refletirem sobre as distrações e superficialidades que frequentemente impedem o aprofundamento da vida espiritual.

A programação prosseguiu com a meditação sobre o terreno pedregoso, conduzida pela Irmã Mayra. Utilizando a simbologia das pedras e inspirada na espiritualidade da Divina Misericórdia, a reflexão ajudou os jovens a reconhecerem suas fragilidades, medos e dificuldades, compreendendo que a fé cristã não elimina os desafios da existência, mas oferece força para enfrentá-los com esperança. Ao final da manhã, as Irmãs Amanda e Katiane conduziram uma profunda experiência de oração e adoração a partir da reflexão sobre a semente lançada entre os espinhos, convidando os participantes a identificar tudo aquilo que pode sufocar a ação de Deus e impedir o crescimento da fé na vida humana.



Durante a tarde, a atenção voltou-se para a terra boa, imagem do coração que acolhe a Palavra e permite que ela produza frutos abundantes. Inspirados pela experiência da primeira comunidade cristã descrita nos Atos dos Apóstolos, os participantes refletiram sobre a importância da vida comunitária, da participação eclesial e da presença de Nossa Senhora no caminho

do discipulado. A experiência recordou que a fé amadurece não apenas por meio do conhecimento, mas também através da convivência fraterna, da oração e da participação ativa na vida da Igreja.

A presença conjunta de catecúmenos e crismandos conferiu ao retiro um significado particularmente rico. Embora se encontrassem em etapas diferentes de seu itinerário formativo, todos partilhavam o mesmo desejo de aprofundar o encontro com Jesus Cristo e fortalecer sua adesão ao Evangelho. Enquanto os catecúmenos se preparavam para receber os sacramentos da iniciação cristã, os crismandos aproximavam-se da Confirmação. A convivência entre os dois grupos tornou visível a unidade do caminho cristão e a importância da comunidade como espaço de acolhida, crescimento e amadurecimento da fé.



A celebração da Santa Missa constituiu o ponto alto do retiro. Reunidos ao redor da mesa da Palavra e da Eucaristia, os participantes puderam apresentar ao Senhor as reflexões, orações e experiências vividas durante o dia. A celebração recordou que toda preparação sacramental encontra seu sentido mais profundo no encontro com Cristo, fonte da vida cristã e centro da missão da Igreja.

O retiro foi também ocasião de reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelos catequistas, coordenadores e agentes de evangelização que acompanharam os participantes ao longo de sua caminhada formativa. Em uma época marcada por tantas vozes e influências que disputam a atenção das novas gerações, o testemunho daqueles que se dedicam à transmissão da fé continua sendo um dos serviços mais preciosos oferecidos à Igreja.

Ao final do encontro, permanecia entre os participantes a consciência de que a Palavra de Deus continua sendo semeada diariamente na vida de cada pessoa. O desafio apresentado pelo retiro consistia justamente em permitir que essa semente encontre um coração disponível para acolhê-la e fazê-la frutificar. Mais do que uma preparação para receber sacramentos, o retiro procurou ajudar catecúmenos e crismandos a compreender que a vida cristã é um caminho permanente de conversão, seguimento de Jesus e compromisso com a construção do Reino de Deus.

MAIS DE 80 MISSIONÁRIOS DA PARÓQUIA SÃO PREPARADOS PARA LEVAR ÀS FAMÍLIAS O ANÚNCIO DE UM TEMPO DE GRAÇA E RENOVAÇÃO DA FÉ

Nos próximos meses, milhares de famílias, escolas, hospitais, casas de repouso, instituições de acolhimento e diversos ambientes da vida social espalhados pela Arquidiocese de Goiânia receberão a visita de missionários enviados pela Igreja. A iniciativa integra o Ano Eucarístico Arquidiocesano e constitui uma das principais ações de preparação para o 19º Congresso Eucarístico Nacional, que será realizado em Goiânia em setembro de 2027. Mais do que preparar um grande acontecimento eclesial, a Arquidiocese deseja promover um amplo movimento de renovação espiritual capaz de alcançar pessoas, famílias e comunidades, levando a elas uma palavra de esperança, proximidade e fé. Trata-se de um convite para que toda a Igreja saia ao encontro do povo, recordando que a presença de Cristo continua viva na história e que a Eucaristia permanece como fonte de comunhão, missão e transformação da vida.



A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges participa intensamente desse projeto missionário. Atualmente, mais de oitenta missionários compõem o grupo missionário paroquial, formado por membros das diversas pastorais, movimentos, grupos, serviços e projetos da comunidade. Mais de quarenta deles participaram da Formação Arquidiocesana para Missionários, realizada no dia 17 de maio de 2026, no Centro de Convenções da PUC Goiás, encontro que reuniu mais de três mil participantes vindos de todas as regiões da Arquidiocese.

Mais do que uma reunião de caráter organizativo, a formação assumiu a dimensão de um verdadeiro retiro espiritual. Ao longo de todo o encontro, os participantes foram convidados a refletir sobre a identidade

missionária da Igreja e sobre o chamado que cada batizado recebe para anunciar o Evangelho. Em uma época marcada por profundas transformações culturais, pela fragilidade dos vínculos humanos e pelo crescimento de diversas formas de sofrimento e solidão, a missão adquire um significado ainda mais importante. A Igreja compreende que evangelizar não consiste apenas em transmitir conteúdos religiosos ou promover atividades pastorais. Evangelizar significa aproximar-se das pessoas, caminhar ao seu lado, partilhar suas alegrias e preocupações e ajudá-las a descobrir que Deus continua presente em suas vidas. Por isso, a Arquidiocese procurou unir formação, espiritualidade, oração e testemunho, ajudando cada participante a renovar sua própria experiência de discípulo antes de assumir a responsabilidade de ser missionário.



A reflexão conduzida pela consagrada Deolinda de Oliveira contribuiu significativamente para esse aprofundamento. A partir de sua experiência missionária em diferentes países e culturas, ela recordou que a missão nasce da capacidade de enxergar Cristo no rosto das pessoas e de reconhecer que cada encontro humano pode tornar-se espaço privilegiado da ação de Deus. Seu testemunho ajudou os participantes a compreender que a evangelização começa pela escuta, pela acolhida e pela disposição de aproximar-se das pessoas sem julgamentos, preconceitos ou barreiras.

Um dos momentos mais intensos do encontro foi a Adoração ao Santíssimo Sacramento conduzida pelo diácono Gleiver Cavalcante. Diante de Jesus Eucarístico, os missionários foram convidados a recordar a fonte da qual brota toda a ação evangelizadora da Igreja. A tradição cristã sempre compreendeu que a

missão não nasce apenas do entusiasmo humano nem da capacidade de organização, mas do encontro com Cristo. É na oração que o discípulo aprende a escutar a voz de Deus, a discernir sua vontade e a encontrar força para perseverar diante dos desafios. A Arquidiocese vive atualmente um Ano Eucarístico justamente para ajudar os fiéis a redescobrirem essa centralidade. Antes de ser enviado ao mundo, o missionário é chamado a permanecer diante do Senhor, reconhecendo que toda fecundidade apostólica nasce da comunhão com Ele. A Eucaristia, celebrada e adorada, torna-se assim escola de discipulado, fonte de unidade e impulso permanente para a missão.

A Santa Missa presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva conferiu ao encontro seu significado mais profundo. Celebrada na Solenidade da Ascensão do Senhor, a liturgia recordou o momento em que Cristo envia os discípulos para continuarem sua missão no mundo. Em sua homilia, o arcebispo destacou que a evangelização não é tarefa reservada a alguns especialistas, mas vocação de todo batizado. Pelo Batismo, cada cristão participa da missão de Cristo e recebe a responsabilidade de testemunhar o Evangelho nos ambientes onde vive, trabalha e constrói suas relações. A Ascensão não representa a ausência do Senhor, mas inaugura uma nova forma de sua presença, agora manifestada através da vida, da fé e do testemunho de seus discípulos.



Todo esse caminho está diretamente ligado à preparação para o 19º Congresso Eucarístico Nacional. A Arquidiocese deseja que os meses que antecedem o Congresso sejam vividos como uma grande experiência missionária. As visitas não se limitarão às famílias que já participam ativamente da vida paroquial. O objetivo é alcançar também aqueles que se encontram mais distantes da Igreja, os enfermos, os idosos, os jovens, as crianças, os profissionais em seus locais de trabalho, os estudantes e tantas outras pessoas que fazem parte da realidade cotidiana da sociedade. Em outras palavras, a Arquidiocese deseja que a preparação

para o Congresso ultrapasse os limites dos templos e alcance concretamente a vida das pessoas. Não se trata apenas de convidar para um evento, mas de criar oportunidades de encontro, oração, escuta e reconciliação, favorecendo uma renovação espiritual que possa deixar frutos duradouros muito além da realização do Congresso.

Dentro desse contexto, o Tríduo Eucarístico celebrado nos dias 1º, 2 e 3 de junho ajudou a preparar espiritualmente as comunidades para a Solenidade de Corpus Christi. Sob o tema “Hóstias vivas, no mundo, para a glória do Pai”, as reflexões procuraram mostrar que a participação na Eucaristia conduz necessariamente ao compromisso com a vida, com a caridade e com a missão. Alimentados pela Palavra de Deus e pelo Corpo de Cristo, os fiéis são chamados a tornar-se presença do Evangelho no mundo e testemunhas da esperança cristã nas mais diversas realidades humanas. A Solenidade de Corpus Christi marcará oficialmente o envio dos missionários em todas as paróquias da Arquidiocese. A partir desse momento terá início uma das maiores mobilizações missionárias já realizadas pela Igreja de Goiânia. Cada visita será um gesto concreto de proximidade e cuidado. Por meio desses missionários, a Igreja entrará nos lares, visitará instituições, encontrará pessoas em diferentes situações de vida e procurará testemunhar que Deus continua caminhando ao lado de seu povo. Em um tempo marcado por tantas incertezas, divisões e sofrimentos, a missão deseja ser sinal de esperança e instrumento de comunhão.

Para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a participação nesse projeto representa uma oportunidade privilegiada de viver concretamente sua vocação missionária. Os mais de oitenta missionários da comunidade assumem essa responsabilidade em nome de todo o povo paroquial, tornando-se presença fraterna da Igreja junto às famílias e aos diversos ambientes que serão visitados. Ao preparar-se para o Congresso Eucarístico Nacional, a comunidade recorda que a fé cresce quando é partilhada, que a esperança se fortalece quando é testemunhada e que a melhor forma de celebrar Cristo presente na Eucaristia é permitir que sua presença alcance cada vez mais pessoas. As visitas missionárias constituem, assim, o anúncio concreto de um tempo de graça, renovação e encontro com Deus, que deseja visitar seu povo e permanecer no coração de sua história.

IMPOSTO DE RENDA SOLIDÁRIO TRANSFORMA TRIBUTO EM CUIDADO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

No dia 17 de maio de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou, no Centro Pastoral Santa Edwiges, mais uma edição da ação Imposto de Renda Solidário. Ao longo de todo o dia, voluntários e profissionais da área contábil estiveram à disposição da comunidade para orientar os contribuintes sobre a possibilidade de destinar parte do Imposto de Renda a projetos voltados à promoção e proteção de crianças e adolescentes. A iniciativa procurou unir informação, cidadania e solidariedade, ajudando os participantes a compreender que uma obrigação tributária pode transformar-se em instrumento concreto de promoção da vida e fortalecimento de ações sociais desenvolvidas no próprio município.



A campanha integra um trabalho que vem sendo desenvolvido pela Associação Polivalente São José há três anos consecutivos. Desde que passou a incentivar de forma mais sistemática a destinação solidária do Imposto de Renda, a Associação tem procurado construir uma ampla rede de colaboração envolvendo comunidade paroquial, profissionais liberais, empresas, voluntários, associados e benfeitores. O objetivo sempre foi fortalecer a cultura da corresponsabilidade social, ajudando as pessoas a compreender que a transformação da realidade não depende apenas do poder público, mas também da participação consciente da sociedade civil organizada.

Embora ainda seja pouco conhecido por muitos brasileiros, o mecanismo de destinação do Imposto de Renda constitui uma importante ferramenta de participação cidadã prevista na legislação federal.

Pessoas físicas que realizam a declaração pelo modelo completo podem destinar até 3% do imposto devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Não se trata de uma nova contribuição nem de um valor acrescido ao imposto já calculado. O contribuinte apenas escolhe que uma parcela do tributo que seria recolhida aos cofres públicos seja direcionada para financiar projetos sociais previamente aprovados e fiscalizados pelos órgãos competentes. Dessa forma, recursos que normalmente seguiriam para o orçamento geral da União permanecem no município e passam a beneficiar diretamente crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade.



Os recursos destinados são administrados por meio do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, instrumento público criado para apoiar iniciativas voltadas à promoção, proteção e defesa dos direitos da infância e da juventude. A aplicação desses recursos é acompanhada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, organismo responsável por deliberar sobre projetos, fiscalizar sua execução e garantir que os recursos sejam utilizados de forma transparente e eficiente. Trata-se de um importante mecanismo de controle social, capaz de aproximar a participação cidadã das necessidades concretas enfrentadas por milhares de crianças e adolescentes.

Ao longo desses anos, a campanha somente se tornou possível graças ao envolvimento de muitas pessoas e instituições que acreditam na importância desse trabalho. Além dos associados da Associação Polivalente São José, que possuem vínculo formal com a entidade e ajudam a sustentar sua missão institucional,

destaca-se também a participação dos benfeitores, que, movidos por espírito de solidariedade, colaboram financeiramente para a continuidade das ações sociais. A esses somam-se profissionais liberais, escritórios de advocacia, contadores, empresários e diversas empresas parceiras que oferecem apoio técnico, divulgação e incentivo à campanha.



Entre essas parcerias destaca-se o Instituto Saga, que ao longo dos últimos anos tem colaborado com diferentes iniciativas sociais e educativas ligadas à Associação. Também merece reconhecimento o apoio recebido de profissionais da área jurídica, empresarial e contábil, além da colaboração de instituições da sociedade civil e de membros do Rotary Club, cuja presença tem contribuído para ampliar a divulgação da campanha e fortalecer sua credibilidade junto à comunidade. Essas parcerias revelam que a promoção humana exige

esforços compartilhados e demonstra que diferentes setores da sociedade podem unir-se em torno de objetivos comuns quando a defesa da vida e da dignidade humana ocupa o centro das preocupações.

Mais do que uma orientação técnica sobre o preenchimento da declaração, a ação promovida pela paróquia procurou despertar uma consciência mais ampla de responsabilidade social. Muitas pessoas desejam colaborar com iniciativas voltadas à infância e à adolescência, mas desconhecem os instrumentos legais que tornam essa colaboração possível. Ao oferecer informação qualificada e apoio prático aos contribuintes, a comunidade paroquial ajuda a transformar solidariedade em compromisso concreto e participação cidadã.

A iniciativa expressa também uma dimensão profundamente cristã da caridade. A fé não se limita à celebração dos sacramentos ou à participação em atividades religiosas. Ela encontra expressão concreta no cuidado com os mais vulneráveis e no compromisso permanente com a construção do bem comum. Quando uma comunidade fortalece projetos voltados à educação, à inclusão social, ao acompanhamento de famílias e à proteção da infância, torna visível a caridade que brota do Evangelho. O Imposto de Renda Solidário demonstra que escolhas aparentemente simples podem gerar consequências profundas na vida de muitas pessoas, tornando-se instrumento de esperança, cuidado e transformação social.

CATECÚMENOS RECEBEM OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ E RENOVAM A ESPERANÇA DA COMUNIDADE

A noite de 18 de maio de 2026 permanecerá na memória da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges como uma das mais belas expressões da vitalidade da fé cristã. Em celebração presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva, arcebispo metropolitano de Goiânia, 42 catecúmenos receberam os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, concluindo um longo caminho de preparação e ingressando plenamente na vida da Igreja. Mais do que um rito solene ou um acontecimento isolado, a celebração tornou visível uma realidade que atravessa os séculos e acompanha a história do cristianismo desde suas origens, a contínua ação de Deus que

chama homens e mulheres a encontrarem em Cristo o sentido mais profundo de suas vidas.



A palavra catecúmeno remonta aos primeiros tempos da Igreja. Nos séculos iniciais do cristianismo, quando a fé era acolhida sobretudo por adultos, aqueles que desejavam tornar-se discípulos de Jesus percorriam um itinerário gradual de conversão, formação e inserção na comunidade antes de receber os sacramentos. Esse processo, conhecido como catecumenato, não consistia apenas em transmitir ensinamentos doutrinários. Tratava-se de uma verdadeira escola de vida cristã, na qual o candidato era introduzido progressivamente na oração, na escuta da Palavra, na vida moral e na participação da comunidade. A Igreja compreendia que a fé precisava amadurecer no coração antes de se manifestar plenamente nos sacramentos.

Com o passar dos séculos, especialmente após a difusão do batismo de crianças, essa prática foi gradualmente perdendo espaço. Contudo, o Concílio Vaticano II percebeu a necessidade de recuperar a riqueza espiritual e pastoral do antigo catecumenato. Dessa decisão nasceu o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, conhecido pela sigla RICA. Mais do que um livro litúrgico, o RICA representa uma retomada da pedagogia da Igreja primitiva, propondo que os adultos sejam conduzidos por etapas sucessivas de evangelização, catequese, conversão e participação comunitária até o momento da recepção dos sacramentos. Trata-se de um processo profundamente humano e espiritual, que respeita o ritmo de cada pessoa e compreende a fé não como mera aprendizagem intelectual, mas como encontro transformador com Cristo.



A celebração vivida na paróquia tornou concreta essa tradição milenar. Cada um dos 42 catecúmenos trazia consigo uma história única, marcada por buscas, inquietações, experiências de vida, perguntas e descobertas. Alguns se aproximaram da Igreja após longos períodos de afastamento; outros encontraram na comunidade um espaço de acolhida e sentido; outros

ainda chegaram impulsionados pelo testemunho de familiares e amigos. Apesar das diferenças de trajetória, todos convergiram para o mesmo ponto, o desejo de conhecer mais profundamente Jesus Cristo e integrar-se plenamente à vida da Igreja. Em uma sociedade marcada pela velocidade da informação, pela multiplicidade de escolhas e pela dificuldade de estabelecer compromissos duradouros, a decisão consciente de abraçar a fé cristã revela uma busca que continua presente no coração humano, a busca por verdade, pertença, esperança e transcendência.



Os sacramentos recebidos durante a celebração expressam a riqueza desse caminho. Pelo Batismo, os catecúmenos foram incorporados a Cristo e à comunidade dos fiéis, participando da vida nova inaugurada por sua morte e ressurreição. Pela Confirmação, receberam a plenitude dos dons do Espírito Santo para testemunhar a fé e assumir sua missão no mundo. Pela primeira participação plena na Eucaristia, passaram a sentar-se à mesa do Senhor, alimentando-se daquele que é fonte e ápice de toda a vida cristã. A Eucaristia ocupa lugar central nesse processo porque não é apenas um símbolo de pertença. Ela é a presença real de Cristo que reúne seu povo, fortalece a comunhão e sustenta a caminhada dos discípulos. Desde as comunidades apostólicas descritas nos Atos dos Apóstolos, a fração do pão constituiu o coração da vida eclesial. Receber a Eucaristia significa entrar plenamente nessa corrente de fé que une os cristãos de todos os tempos. A alegria vivida nessa celebração não pertence apenas aos que receberam os sacramentos. Ela é também alegria da comunidade inteira. Cada novo cristão recorda à Igreja sua própria identidade missionária e renova a certeza de que o Evangelho continua fecundo. Por trás de cada catecúmeno existe o trabalho silencioso de catequistas que dedicaram tempo, estudo, oração e testemunho; existem famílias que acompanharam o

percurso; existem comunidades que acolheram e sustentaram essa caminhada. O catecumenato recorda que a fé não nasce de forma isolada. Ela cresce dentro de um povo, de uma comunidade e de uma tradição que atravessa os séculos.

A partir da recepção dos sacramentos, a tradição cristã passa a chamar esses novos fiéis de neófitos, termo que significa literalmente “nova planta” ou “novo broto”. A imagem é profundamente sugestiva. Uma planta recém-nascida necessita de cuidado, acompanhamento e condições favoráveis para crescer e produzir frutos. Da mesma forma, a fé recém-celebrada precisa ser alimentada pela oração, pela escuta da Palavra, pela participação na Eucaristia e pela convivência comunitária. A iniciação cristã não representa o término de uma caminhada, mas o início de uma vida nova que agora se desenvolve no interior da comunidade eclesial.

Por isso, esta celebração dirige também um apelo à própria paróquia. A comunidade que acolheu os catecúmenos durante sua preparação é chamada agora a ajudá-los a encontrar seu lugar na vida da Igreja. Os

neófitos não são espectadores das atividades pastorais, mas membros vivos do Corpo de Cristo. Trazem consigo dons, talentos, experiências e sensibilidades que podem enriquecer a missão evangelizadora da comunidade. A inserção progressiva na vida paroquial, nas pastorais, movimentos, grupos e serviços constitui parte importante da maturação da fé e permite que aquilo que foi celebrado nos sacramentos se transforme em vida concreta.

A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges rende graças a Deus por esse momento de graça e renovação. Ao agradecer aos catequistas, familiares e a todos aqueles que colaboraram nesse processo, dirige também uma palavra de esperança aos novos neófitos. Que a comunidade saiba acolhê-los com generosidade e acompanhá-los com perseverança. Que encontrem na Igreja não apenas um lugar para frequentar, mas uma família espiritual onde possam crescer, servir e amadurecer na fé. E que a chama acesa nesta celebração continue iluminando seus passos, para que a alegria do encontro com Cristo produza frutos abundantes na vida de cada um e na caminhada de toda a comunidade.

CELEBRAÇÃO DE SANTO IVO RECORDA QUE A JUSTIÇA NÃO PODE PERDER A PESSOA HUMANA DE VISTA

A memória litúrgica de Santo Ivo, padroeiro dos advogados e dos operadores do Direito, reuniu na noite do dia 19 de maio magistrados, promotores, defensores públicos, procuradores, advogados, professores, estudantes e diversos profissionais da área jurídica na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. Presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva, arcebispo metropolitano de Goiânia, e organizada pela União dos Juristas Católicos de Goiânia, UNIJUC



- Goiânia, a celebração tornou-se uma oportunidade privilegiada para refletir sobre a responsabilidade ética daqueles que trabalham diariamente com a defesa da justiça, da verdade e da dignidade da pessoa humana. Entre as autoridades presentes estavam o Dr. Rafael Lara Martins, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Goiás; o Dr. Emanuel de Oliveira Costa Júnior, presidente da União dos Juristas Católicos de Goiânia; a Dra. Rita de Cássia Nunes Machado, presidente da Comissão de Direito Eclesiástico da OAB Goiás; o Dr. Tomás Aquino, presidente da Associação dos Procuradores; e o Dr. Rafael Arruda, procurador-geral do Estado de Goiás, representando o governador Daniel Vilela. A presença das diversas autoridades ajudou a evidenciar a importância institucional da celebração e a relevância que a figura de Santo Ivo continua exercendo sobre aqueles que dedicam sua vida profissional à promoção da justiça e da ordem social.

Conhecido ao longo da história como “o advogado dos pobres”, Santo Ivo tornou-se referência não apenas pela competência jurídica que possuía, mas sobretudo pela integridade moral, pela sensibilidade diante do sofrimento humano e pela coragem de não permitir que a lei se transformasse em instrumento de opressão ou privilégio. Sua vida permanece atual porque recorda uma verdade frequentemente esquecida: nenhuma estrutura jurídica permanece verdadeiramente justa quando perde o vínculo com a consciência moral, com a verdade e com a defesa dos mais vulneráveis. A memória do santo bretão continua desafiando os profissionais do Direito a compreenderem sua atividade não apenas como profissão, mas como serviço prestado à sociedade e à promoção da dignidade humana.



Na homilia, Dom João Justino desenvolveu uma profunda reflexão sobre a relação entre justiça, verdade e responsabilidade moral. Inspirando-se no testemunho de Santo Ivo, recordou que o exercício do Direito não pode ser reduzido à aplicação mecânica de normas ou à simples defesa de interesses particulares. Por trás de cada processo, de cada causa e de cada decisão existem pessoas concretas, com histórias, sofrimentos, expectativas e esperanças que não podem ser ignorados. A justiça perde sua humanidade quando deixa de enxergar a pessoa que está diante dela.

O arcebispo observou que uma das grandes tentações da sociedade contemporânea consiste em transformar instrumentos em fins. Quando isso acontece, procedimentos, estruturas e mecanismos institucionais passam a ocupar o lugar daquilo que deveriam servir. Aplicada ao universo jurídico, essa reflexão recorda que a lei existe para proteger a pessoa humana e promover o bem comum. O Direito encontra sua legitimidade precisamente quando permanece a serviço da justiça e da convivência social, jamais quando se fecha em formalismos incapazes de perceber a realidade concreta da vida.

Ao longo de sua pregação, Dom João também recorreu que a tradição cristã compreende a justiça como uma virtude que ultrapassa a simples observância das normas. Desde Santo Tomás de Aquino, ela é definida como a firme disposição de dar a cada um aquilo que lhe é devido. Essa compreensão exige não apenas conhecimento técnico, mas também prudência, sabedoria e sensibilidade moral. A lei é indispensável para a organização da sociedade, mas encontra sua plenitude quando permanece iluminada pela verdade e orientada pelo bem comum. Por isso, a atuação dos profissionais do Direito possui uma dimensão profundamente humana e ética, que ultrapassa os limites da técnica jurídica.

Ao final da celebração, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Goiás, Dr. Rafael Lara Martins, manifestou sua gratidão pela oportunidade de reunir a comunidade jurídica em torno da memória de Santo Ivo e destacou a atualidade de seu testemunho para a advocacia e para todas as carreiras jurídicas. Em uma reflexão marcada pela profundidade humana e espiritual, recordou que a grandeza do santo não estava apenas em seu brilhantismo profissional, mas na forma como colocou seus talentos a serviço daqueles que mais necessitavam de defesa. “Santo Ivo foi um advogado brilhante, mas, acima de tudo, justo. Colocou seu talento a serviço dos mais necessitados, advogou por quem não podia pagar, ouviu aqueles que não eram ouvidos e mediou conflitos que muitos evitavam”, afirmou. Em seguida, dirigiu aos presentes uma pergunta que sintetizou o espírito da celebração: “O que temos feito com o dom da justiça que Deus nos confiou?”.

Suas palavras encontraram profunda sintonia com a mensagem proclamada ao longo da celebração. Mais do que uma homenagem a um personagem histórico, a memória de Santo Ivo transformou-se em convite à revisão de vida e à renovação do compromisso profissional. Em um tempo marcado por desafios éticos



cada vez mais complexos, a figura do santo continua recordando que o verdadeiro operador do Direito não é apenas aquele que conhece as leis, mas aquele que coloca seu conhecimento a serviço da verdade, da justiça e da defesa da dignidade de cada pessoa humana. Ao final da noite, permanecia entre os participantes a convicção de que a justiça continua sendo uma das mais nobres formas de serviço à sociedade quando permanece unida à verdade, à ética e à compaixão.

Santo Ivo continua lembrando aos profissionais do Direito que nenhuma carreira alcança sua verdadeira grandeza pelo poder que exerce, mas pelo bem que realiza na vida das pessoas. Para o cristão, a atividade jurídica deixa então de ser apenas uma profissão e passa a ser compreendida como vocação de serviço, chamada a promover a dignidade humana, defender os mais vulneráveis e colaborar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

310 JOVENS E ADULTOS RECEBEM A CRISMA E RENOVAM A ESPERANÇA DA COMUNIDADE

A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu, nos dias 21, 22, 27 e 28 de maio, um dos momentos mais expressivos de sua caminhada pastoral com a celebração do Sacramento da Crisma. Ao longo das quatro celebrações, presididas por Dom João Justino de Medeiros Silva, Dom Danival Milagres Coelho, Dom José Roberto dos Reis e Dom Levi Bonatto, 310 jovens e adultos receberam a unção do Espírito Santo após dois anos de preparação catequética. A presença dos quatro bispos da Arquidiocese de Goiânia manifestou a comunhão da Igreja e recordou que a fé cristã não é uma experiência individual, mas uma realidade vivida no interior de uma comunidade que acolhe, forma e envia seus membros para a missão. Para a paróquia, foi também ocasião de gratidão ao contemplar tantas vidas que, após um caminho de amadurecimento humano e espiritual, decidiram confirmar publicamente a fé recebida no Batismo.



A Crisma ocupa lugar central na iniciação cristã. Pelo Batismo, a pessoa nasce para a vida nova em Cristo; pela Eucaristia, é alimentada pelo próprio Senhor; pela Confirmação, recebe a plenitude dos dons do Espírito Santo para viver a fé com maturidade e testemunhá-la no mundo. A Igreja compreende esses três sacramentos como uma unidade inseparável, por meio da qual

o cristão é introduzido progressivamente na vida de Cristo e da comunidade eclesial. Entre os participantes das celebrações, alguns receberam também a Primeira Eucaristia, completando assim o itinerário da iniciação cristã e passando a participar plenamente da mesa do Senhor. A Eucaristia, centro da vida da Igreja, é o sacramento no qual Cristo continua a alimentar seu povo com sua própria vida, sustentando a caminhada dos discípulos ao longo da história.



A própria palavra “Crisma” ajuda a compreender a profundidade desse sacramento. Ela deriva do termo grego *chrisma*, que significa unção. O Santo Crisma utilizado na celebração é um óleo perfumado composto de azeite e bálsamo, consagrado pelo bispo durante a Missa do Crisma na Semana Santa. Desde os tempos bíblicos, reis, sacerdotes e profetas eram ungidos como sinal de uma missão recebida de Deus. Quando a fronte do crismando é ungida, a Igreja recorda que cada batizado é chamado a participar da missão de Cristo, tornando-se testemunha da fé e servidor do Reino de Deus. O perfume presente no óleo simboliza ainda a vocação de todo cristão de irradiar a presença de Cristo no mundo, levando para a vida familiar, profissional e social os valores do Evangelho.



No coração da Crisma encontra-se a ação do Espírito Santo. A tradição cristã associa esse sacramento aos sete dons mencionados pelo profeta Isaías: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Esses dons não são capacidades extraordinárias reservadas a poucos privilegiados, mas graças oferecidas a todo cristão para iluminar sua inteligência, fortalecer sua vontade e ajudá-lo a discernir os caminhos de Deus nas circunstâncias concretas da vida. Em uma sociedade frequentemente marcada pela insegurança, pelo imediatismo e pela dificuldade de assumir compromissos duradouros, a presença do Espírito Santo continua sendo fonte de luz, coragem e esperança para aqueles que desejam viver segundo o Evangelho.

Ao longo dos dois anos de preparação, os crismandos percorreram um caminho de formação doutrinal, experiência comunitária, oração e amadurecimento espiritual. Foram convidados a aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus, da vida sacramental e dos ensinamentos da Igreja, mas sobretudo a desenvolver uma relação pessoal com Jesus Cristo. O testemunho da jovem Natashie Mayumi expressa bem aquilo que muitos experimentaram durante esse percurso. O que inicialmente parecia apenas uma etapa a ser cumprida transformou-se gradualmente em uma descoberta mais profunda da fé. A convivência com os catequistas, a escuta da Palavra de Deus e a participação na comunidade ajudaram-na a perceber que a fé não pode permanecer apenas no campo das ideias, mas precisa tornar-se experiência concreta capaz de iluminar escolhas, fortalecer a esperança e orientar a vida.

As celebrações foram também ocasião de reconhecimento e gratidão aos catequistas que acompanharam essa caminhada. Grande parte da missão evangelizadora da Igreja acontece por meio de homens e mulheres que dedicam generosamente seu tempo, sua formação e seu testemunho à transmissão da fé. Muitas vezes esse trabalho permanece silencioso e quase invisível, mas seus frutos aparecem em momentos

como este. Cada jovem e adulto que recebeu a Crisma traz consigo a marca desse acompanhamento paciente e perseverante. Em uma época em que tantas vozes disputam a atenção das novas gerações, o serviço dos catequistas continua sendo uma das formas mais preciosas de evangelização e construção da comunidade cristã.



Ao mesmo tempo, a celebração lança um desafio à própria comunidade paroquial. A catequese cumpriu sua missão ao conduzir esses jovens e adultos até os sacramentos. Agora começa uma nova etapa. A Igreja é chamada a acolhê-los, acompanhá-los e ajudá-los a encontrar seu lugar na vida comunitária. Os dons recebidos do Espírito Santo não foram concedidos para permanecerem adormecidos, mas para serem colocados a serviço da evangelização, da liturgia, da caridade e da construção da comunhão eclesial. Cada crismado representa uma possibilidade de renovação para as pastorais, movimentos, grupos e projetos da paróquia. São novos operários que o Senhor envia para sua messe e que precisam encontrar uma comunidade aberta, acolhedora e capaz de ajudá-los a transformar a graça recebida em compromisso concreto.

Ao contemplar 310 jovens e adultos confirmando sua fé, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges reconhece um autêntico sinal de esperança. Em uma época em que tantas vezes se fala das dificuldades da evangelização e do afastamento religioso, essas celebrações recordam que Deus continua chamando, formando e enviando discípulos. A verdadeira fecundidade da Crisma começará a aparecer nos próximos anos, quando os dons recebidos se transformarem em serviço, testemunho e participação ativa na vida da Igreja. Que a comunidade saiba acolher esses novos crismados como irmãos e irmãs chamados a partilhar a mesma missão. Afinal, o Espírito Santo não é dado para ser guardado, mas para renovar vidas, fortalecer a Igreja e impulsionar a construção do Reino de Deus.

CATEQUISTAS SÃO HOMENAGEADOS E TÊM MISSÃO RECONHECIDA PELA SOCIEDADE E PELA IGREJA

A Câmara Municipal de Goiânia realizou, no dia 20 de maio, uma Sessão Solene em homenagem aos catequistas da Arquidiocese de Goiânia, por iniciativa do vereador Sanches da Federal. A cerimônia reuniu catequistas de diversas paróquias e comunidades arquidiocesanas, tornando visível uma missão que, na maior parte do tempo, é exercida de forma discreta, mas que possui enorme importância para a vida da Igreja. Entre os homenageados estavam 11 catequistas da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, juntamente com muitos outros catequistas das diversas paróquias da Arquidiocese, em um momento marcado pela gratidão, pelo reconhecimento e pela valorização daqueles que dedicam parte significativa de sua vida à transmissão da fé e à formação cristã das novas gerações.



A homenagem ofereceu também uma oportunidade para recordar a origem e a importância da missão catequética. Desde os primeiros séculos do cristianismo, a Igreja compreendeu que a fé precisava ser anunciada, explicada e transmitida de geração em geração. Nas comunidades primitivas, aqueles que desejavam tornar-se cristãos percorriam um longo caminho de preparação conhecido como catecumenato. Durante esse período, eram acompanhados por cristãos experientes que os ajudavam a conhecer a Palavra de Deus, a compreender os ensinamentos dos Apóstolos, a participar da vida comunitária e a amadurecer sua decisão de seguir Jesus Cristo. Ainda que a estrutura da catequese tenha se transformado ao longo dos séculos, sua finalidade permanece a mesma, conduzir as pessoas ao encontro com Cristo e ajudá-las a viver plenamente a fé recebida.

Por essa razão, o catequista ocupa um lugar singular na missão evangelizadora da Igreja. Sua tarefa vai

muito além da transmissão de conteúdos religiosos. O catequista é chamado a ser testemunha da fé, educador, acompanhante espiritual e presença constante na caminhada daqueles que lhe são confiados. Em uma época marcada pela rapidez das mudanças culturais, pela multiplicidade de informações e pela fragilidade de muitas referências humanas e religiosas, a missão catequética tornou-se ainda mais necessária. Não basta ensinar fórmulas ou conceitos. É preciso ajudar crianças, adolescentes, jovens e adultos a descobrir a beleza do Evangelho, a construir uma relação pessoal com Jesus Cristo e a compreender que a fé pode iluminar concretamente as escolhas da vida.



Durante a sessão solene, o vereador Sanches da Federal destacou exatamente essa dimensão transformadora da catequese. Em sua fala, recordou que os catequistas contribuem não apenas para a vida religiosa das comunidades, mas também para a construção de uma sociedade mais humana e fundamentada em valores. Ao agradecer o trabalho realizado por tantos homens e mulheres, afirmou que os catequistas “não apenas ensinam conteúdos, mas formam consciências, transmitem valores e ajudam a construir pessoas melhores”. Suas palavras recordaram que a evangelização produz frutos que ultrapassam os limites da própria comunidade e alcançam a vida familiar, social e cultural daqueles que são formados pela fé.

Representando os catequistas da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, Wellington Delcy de Oliveira recebeu a homenagem em nome de muitos outros que diariamente assumem essa missão. Em seu testemunho, destacou que o reconhecimento recebido representa todos aqueles que, com simplicidade e dedicação, colocam seus dons a serviço da

Igreja. Suas palavras expressaram a consciência de que a catequese é, antes de tudo, um serviço prestado a Deus e à comunidade cristã, sustentado pelo desejo de ajudar outras pessoas a encontrarem o caminho da fé e da esperança.

A homenagem ganha significado ainda maior quando observada à luz da realidade paroquial. Somente neste primeiro semestre de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges contou com cerca de 80 catequistas atuando nos diversos processos de iniciação e formação cristã. São homens e mulheres que, semanalmente, dedicam horas à preparação dos encontros, ao estudo, à oração, ao acompanhamento das famílias e à formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Trata-se de um trabalho que exige generosidade, perseverança e profundo senso de responsabilidade, pois a catequese não forma apenas para a recepção dos sacramentos, mas para toda a vida cristã.



Os frutos desse serviço podem ser vistos em muitos momentos da vida paroquial. Cada criança preparada para a Primeira Eucaristia, cada jovem que recebe a Crisma, cada adulto que conclui seu caminho catecumenal carrega consigo algo da dedicação dos catequistas que o acompanharam. Mais do que preparar pessoas para celebrações específicas, eles ajudam a construir discípulos, fortalecem vínculos comunitários e colaboram para que a fé continue viva nas famílias e nas novas gerações. Em uma sociedade que frequentemente enfrenta dificuldades para transmitir valores e construir referências duradouras, a missão catequética permanece como uma das mais importantes contribuições da Igreja para a formação humana e espiritual.

A Sessão Solene realizada pela Câmara Municipal tornou público um reconhecimento que a comunidade cristã já conhece desde as suas origens. A catequese continua sendo uma das colunas que sustentam a vida da Igreja. Por trás de cada celebração, de cada sacramento e de cada história de fé existe o trabalho paciente de homens e mulheres que aceitaram o convite do Senhor para colaborar em sua messe. Ao agradecer a homenagem recebida, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges rende graças a Deus pelos seus catequistas e renova a certeza de que investir na formação da fé é investir no futuro da Igreja. Afinal, a evangelização de amanhã começa no generoso trabalho daqueles que hoje dedicam sua vida a ensinar, testemunhar e transmitir o Evangelho.

ARRAIÁ DAS PADROEIRAS REÚNE COMUNIDADE EM DIAS DE FÉ, CONVIVÊNCIA E GRATIDÃO

Entre os dias 22 e 31 de maio de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou mais uma edição do tradicional Arraiá das Padroeiras, reunindo centenas de pessoas em um ambiente marcado pela alegria, pela convivência fraterna e pelo fortalecimento dos laços comunitários. Durante dez dias, famílias, crianças, jovens, adultos e idosos encontraram-se para celebrar uma das festas mais queridas da vida paroquial. Muito além das comidas típicas, das apresentações e dos momentos de lazer, o Arraiá revelou novamente a beleza de uma comunidade que sabe reunir-se, trabalhar em conjunto e celebrar sua fé também por meio da convivência humana. Em uma



sociedade marcada pela pressa, pelo individualismo e pelas relações cada vez mais superficiais, a festa tornou-se um espaço privilegiado de encontro, diálogo e partilha, permitindo que muitas pessoas redescobrissem a riqueza de pertencer a uma mesma comunidade cristã.

Neste ano, a realização da festa foi antecipada para o mês de maio. A decisão levou em consideração a proximidade da Solenidade de Corpus Christi, que mobiliza intensamente a vida pastoral da paróquia, e também o calendário esportivo internacional, marcado pela realização da Copa do Mundo de Futebol durante o período tradicionalmente ocupado pelas festas juninas. A antecipação permitiu preservar a ampla participação da comunidade e garantir as melhores condições para a realização do evento.

O Arraiá das Padroeiras possui uma identidade que vai muito além de uma simples festa popular. Seu próprio nome recorda a devoção que sustenta a caminhada da comunidade. Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, continua sendo para milhões de brasileiros sinal da proximidade materna de Deus e presença constante na vida do povo. Santa Edwiges, por sua vez, é reconhecida como protetora dos pobres, das famílias em dificuldade e daqueles que enfrentam momentos de sofrimento e insegurança. Reunir-se sob a proteção dessas duas grandes testemunhas da fé significa recordar que a vida cristã não se constrói apenas nos grandes momentos litúrgicos, mas também nos gestos simples da convivência, da solidariedade e do cuidado recíproco. De certo modo, a festa traduz em linguagem popular aquilo que a Igreja procura viver todos os dias: a comunhão entre as pessoas e a confiança na presença amorosa de Deus.



Um dos aspectos mais marcantes desta edição foi a beleza e a organização do espaço preparado para acolher os participantes. O ambiente foi cuidadosamente planejado para favorecer a circulação das pessoas, a convivência entre as famílias e o funcionamento harmonioso das diversas atividades. A decoração típica, a disposição das barracas, a iluminação e os espaços de encontro transformaram o local da festa em uma verdadeira praça comunitária temporária, onde as pessoas não apenas consumiam produtos ou assistiam às apresentações, mas permaneciam juntas, conversavam, reencontravam amigos e fortaleciam vínculos. Muitas pessoas que normalmente se encontram apenas durante as celebrações dominicais tiveram a oportunidade de conviver de maneira mais próxima, reconhecendo-se como membros de uma mesma família de fé. Essa talvez tenha sido uma das maiores riquezas da festa: ajudar a transformar uma grande paróquia em uma comunidade cada vez mais próxima e fraterna.



A excelente participação registrada ao longo de todos os dias confirmou a importância que o Arraiá das Padroeiras assumiu na vida da comunidade. O grande número de participantes demonstrou não apenas o sucesso da organização, mas também o desejo das pessoas de estarem juntas. Em muitos momentos, era possível perceber que a alegria da festa não estava apenas nas apresentações, nos pratos típicos ou nas atividades oferecidas, mas no simples prazer de encontrar pessoas conhecidas, acolher quem chegava pela primeira vez e experimentar a beleza da convivência comunitária. Em tempos nos quais tantas relações se tornam virtuais e passageiras, a festa ofereceu uma experiência concreta de proximidade humana e de pertença eclesial.

Por trás dessa realização encontra-se o trabalho generoso de inúmeras pessoas. Pastorais, movimentos,

grupos, serviços paroquiais, voluntários e colaboradores assumiram responsabilidades diversas, desde a montagem da estrutura até o funcionamento das barracas, a preparação dos alimentos, a limpeza, a acolhida, a segurança e a coordenação geral. Cada serviço, mesmo os menos visíveis, contribuiu para o resultado alcançado. O sucesso da festa tornou-se expressão concreta da corresponsabilidade que caracteriza uma comunidade viva, onde diferentes dons e talentos são colocados a serviço do bem comum.

A festa possui também uma importante dimensão pastoral e social. Além de favorecer a convivência e fortalecer os vínculos comunitários, os recursos arrecadados ajudam a sustentar diversas atividades evangelizadoras, formativas e sociais desenvolvidas pela paróquia ao longo do ano. Dessa forma, cada participação, cada colaboração e cada gesto de apoio ultrapassam os limites da própria festa e tornam-se contribuição concreta para a missão da Igreja e para os serviços oferecidos à comunidade.

Ao final de cada noite, quando as barracas se fechavam, as luzes começavam a se apagar e os voluntários

iniciavam silenciosamente o trabalho de limpeza, organização e preparação para o dia seguinte, permanecia uma certeza que talvez seja o maior legado desta edição do Arraiá das Padroeiras. O mais importante não estava nos números alcançados, nas vendas realizadas ou mesmo no sucesso da programação. O que realmente permaneceu ao final da festa foi a certeza de que a vida comunitária continua sendo uma das maiores riquezas da Igreja. Em meio às conversas, aos encontros e aos inúmeros gestos de colaboração, tornou-se visível algo que nem sempre aparece nas estatísticas ou nos relatórios: o crescimento do sentimento de pertença. Quando as pessoas deixam de ser apenas frequentadoras de uma paróquia e passam a sentir-se parte de uma mesma família de fé, a comunidade amadurece, fortalece sua identidade e torna-se mais capaz de testemunhar o Evangelho. É essa convivência que fortalece os laços da fé, cria relações de amizade, gera sentido de pertença e ajuda a transformar uma paróquia em família. Sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a comunidade celebrou mais uma vez a beleza de caminhar unida, compartilhando não apenas uma festa, mas a própria vida.

VIGÍLIA DE PENTECOSTES RECORDA A PRESENÇA VIVA DO ESPÍRITO SANTO NA IGREJA

A Solene Vigília de Pentecostes, celebrada no entardecer do dia 23 de maio na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, reuniu centenas de fiéis numa igreja completamente tomada pela oração, pelo silêncio contemplativo e pelo profundo clima de recolhimento que marcou uma das celebrações mais antigas, belas e espiritualmente profundas da tradição



litúrgica cristã. A intensa participação da assembleia, os cantos invocando o Espírito Santo, a escuta prolongada da Palavra de Deus e a atmosfera espiritual da celebração transformaram aquela noite numa verdadeira experiência eclesial de comunhão e esperança. Em muitos momentos, tornava-se perceptível algo que atravessa silenciosamente os séculos da vida da Igreja, a Vigília de Pentecostes continua sendo para o povo cristão um tempo privilegiado de espera, oração e renovação espiritual diante da ação do Espírito Santo. Desde os primeiros séculos do cristianismo, Pentecostes foi compreendido pelos Padres da Igreja como a plenitude do Mistério Pascal celebrado ao longo dos cinquenta dias iniciados na Ressurreição do Senhor. Santo Agostinho, São João Crisóstomo e tantos outros autores da tradição patrística contemplavam Pentecostes como o momento em que a Igreja nascente recebe o sopro do Espírito e inicia sua missão no mundo. Já

nos séculos IV e V encontram-se referências à celebração solene desta Vigília tanto no Oriente quanto no Ocidente cristão. Inspirada na estrutura da Vigília Pascal, a celebração adquiriu progressivamente um profundo caráter catequético, espiritual e sacramental, conduzindo os fiéis não apenas à preparação da solenidade do dia seguinte, mas a uma verdadeira experiência de imersão no mistério do Espírito Santo. A própria estrutura litúrgica da celebração manifestava esta riqueza espiritual. As sucessivas leituras proclamadas durante a Vigília conduziam a assembleia através de um grande percurso espiritual pela história da salvação. A narrativa da Torre de Babel recordava dramaticamente a experiência humana da divisão, da soberba e da incapacidade de comunhão quando Deus deixa de ocupar o centro da existência humana. Em contraposição, Pentecostes manifesta o Espírito Santo restaurando a unidade sem destruir a diversidade dos povos e das culturas. Os Padres da Igreja viam exatamente aí uma das dimensões mais profundas desta solenidade, o Espírito não uniformiza os homens, mas harmoniza suas diferenças na comunhão do amor.



As demais leituras aprofundavam progressivamente esta compreensão do Espírito Santo como sopro de vida e princípio de renovação da humanidade. A experiência de Moisés diante do Sinai envolto em fogo e trovões manifestava a presença gloriosa de Deus conduzindo o seu povo. A impressionante visão do profeta Ezequiel diante dos ossos ressequidos revelava a força do Espírito capaz de devolver vida àquilo que parecia definitivamente perdido. Já a profecia de Joel anunciava o derramamento universal do Espírito sobre toda a humanidade. A liturgia permitia perceber, assim, que Pentecostes não constitui um acontecimento isolado, mas o ponto culminante de uma longa pedagogia divina através da qual Deus vai preparando o coração humano para acolher plenamente sua presença

salvadora.

Também o Evangelho proclamado durante a celebração apresentava Cristo convidando os sedentos a beberem da água viva do Espírito. Esta imagem possui uma impressionante atualidade espiritual. Num tempo marcado pela ansiedade, pelo cansaço interior, pelas divisões, pelo excesso de ruídos e pela dificuldade de encontrar sentido para a existência, a Vigília de Pentecostes recorda que o Espírito Santo continua sendo a resposta de Deus à sede mais profunda do coração humano. A tradição da Igreja sempre compreendeu o Espírito não apenas como força interior de consolação, mas como presença divina que sustenta a esperança, fortalece os frágeis, ilumina as consciências e reconstrói os vínculos humanos profundamente feridos pela violência, pelo individualismo e pela solidão contemporânea.



Um dos momentos mais significativos da celebração foi a renovação das promessas batismais. Diante da assembleia reunida, os fiéis renovaram sua profissão de fé e sua adesão a Cristo, recordando que a vida cristã nasce continuamente da graça recebida no Batismo e renovada pela ação do Espírito Santo. A força deste momento tornava ainda mais evidente que a Vigília de Pentecostes não é apenas memória litúrgica de um fato passado, mas experiência espiritual através da qual a Igreja continua preparando o coração dos fiéis para acolher novamente a ação renovadora do Espírito.

A expressiva participação da comunidade revelou também algo profundamente significativo para o tempo presente. Em meio a uma sociedade frequentemente marcada pela superficialidade das relações humanas, pelo isolamento interior e pela dificuldade de silêncio, a experiência de uma igreja completamente reunida em oração torna-se um sinal profundamente contracultural. Não foi apenas uma celebração externamente bonita ou solenemente preparada. Foi uma experiência

concreta de Igreja reunida em torno da Palavra, da Eucaristia e da ação silenciosa do Espírito Santo.

Ao final da celebração, permanecia na assembleia a consciência de que a Vigília de Pentecostes continua sendo um forte chamado à renovação espiritual da Igreja e da própria vida cristã. Em meio aos desafios do tempo presente, a comunidade reunida em oração reafirmou sua confiança na ação do Espírito Santo,

reconhecendo que somente Ele é capaz de fortalecer a fé, sustentar as famílias, renovar a esperança e conduzir a Igreja com fidelidade através das mudanças e crises da história. Mais do que recordar um acontecimento do passado, a Vigília levou os fiéis a renovar a disposição de permanecerem unidos a Cristo e comprometidos com a missão evangelizadora da Igreja no mundo de hoje.

PENTECOSTES RENOVA A FÉ DA COMUNIDADE E RECORDA O NASCIMENTO MISSIONÁRIO DA IGREJA

A Solenidade de Pentecostes foi celebrada com grande participação dos fiéis na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, no domingo, 24 de maio de 2026. Ao longo de todo o dia, as diversas celebrações reuniram famílias, pastorais, movimentos, grupos e serviços paroquiais em torno de uma das festas mais importantes de todo o Ano Litúrgico. Cinquenta dias após a Ressurreição do Senhor, a Igreja voltou seu olhar para o Cenáculo de Jerusalém e contemplou o momento em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos reunidos com Maria, transformando uma comunidade marcada pelo medo em uma Igreja capaz de anunciar Cristo ao mundo inteiro. O clima de oração, alegria e profunda participação vivido nas celebrações recordou que Pentecostes não é apenas a memória de um acontecimento passado, mas uma realidade que continua renovando a vida da Igreja e impulsionando sua missão em cada tempo da história.



A origem dessa festa remonta à tradição do povo de Israel. Celebrado cinquenta dias após a Páscoa judaica, Pentecostes era uma das grandes festas de peregrinação realizadas em Jerusalém. Inicialmente associada à ação de graças pelos frutos da colheita, passou posteriormente a recordar a Aliança celebrada por Deus

com seu povo no Monte Sinai e o dom da Lei entregue a Moisés. Quando os Atos dos Apóstolos situam a descida do Espírito Santo exatamente durante essa celebração, apresentam uma profunda leitura da história da salvação. Se no Sinai Deus havia dado ao povo a Lei escrita em tábuas de pedra, agora concede à Igreja nascente o dom do Espírito, que grava sua presença nos corações e conduz os discípulos à plenitude da verdade. A antiga Aliança não é abolida, mas levada à sua realização mais profunda.

Um dos momentos mais expressivos da celebração paroquial ocorreu na Missa das 11 horas, quando a Palavra de Deus foi proclamada em diversos idiomas. Além do português, as leituras foram realizadas em inglês, francês, espanhol e japonês. O gesto possuía um significado que ultrapassava o aspecto cultural. Ele remetia diretamente ao relato bíblico de Pentecostes, quando homens e mulheres provenientes de diferentes povos ouviam o anúncio do Evangelho em suas próprias línguas. A Igreja reconhece nesse acontecimento um dos sinais mais belos da ação do Espírito Santo. Onde havia divisão, nasce a comunhão. Onde havia distância, surge a proximidade. Onde existiam barreiras, o Espírito constrói pontes. A proclamação da



Palavra em diferentes idiomas tornou visível a vocação universal da Igreja, chamada a acolher todos os povos e culturas na unidade da mesma fé.

O relato de Pentecostes revela também algo fundamental sobre a identidade da Igreja. Os discípulos não recebem o Espírito para permanecerem reunidos no Cenáculo. Recebem-no para sair. O Espírito Santo não cria uma comunidade fechada em si mesma, mas uma comunidade missionária. Por isso, Pentecostes é frequentemente chamado de nascimento missionário da Igreja. A partir daquele momento, os discípulos compreendem que sua missão não consiste apenas em conservar uma experiência religiosa, mas em anunciar Cristo ao mundo e testemunhar sua presença nos ambientes concretos da vida humana.

Essa verdade ilumina diretamente a realidade de nossa própria comunidade paroquial. A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges possui intensa vida pastoral. São inúmeras celebrações, pastorais, movimentos, grupos, projetos sociais, encontros formativos e iniciativas evangelizadoras. Tudo isso é motivo de gratidão. Entretanto, Pentecostes convida a comunidade a fazer uma pergunta essencial. Estamos apenas realizando atividades ou estamos formando discípulos missionários? O Espírito Santo recorda continuamente à Igreja que sua missão principal não é organizar eventos, mas ajudar homens e mulheres a encontrarem Cristo, amadurecerem na fé e tornarem-se testemunhas do Evangelho.

Pentecostes desafia igualmente a crescer na comunhão. Toda comunidade grande corre o risco de ver surgir pequenos fechamentos, excessivo apego a espaços próprios ou dificuldades de trabalhar conjuntamente. O Espírito Santo, porém, não cria ilhas. Ele cria comunhão. Nenhuma pastoral existe para si mesma. Nenhum movimento é um fim em si mesmo. Nenhum serviço possui sentido isoladamente. Todos encontram sua razão de existir quando colaboram para a única missão da Igreja. A presença do Espírito torna-se visível precisamente quando diferentes pessoas, dons, sensibilidades e ministérios conseguem caminhar juntos em favor do Reino de Deus.

A solenidade deste ano adquire ainda um significado especial por causa dos muitos novos rostos que o Senhor tem enviado à comunidade. Nas últimas semanas, a paróquia acompanhou a iniciação cristã de adultos, a celebração da Crisma de centenas de jovens e adultos, a formação de novos missionários

e a chegada de novas pessoas aos diversos grupos e serviços paroquiais. Pentecostes recorda que o Espírito Santo continua renovando sua Igreja através dessas vidas que chegam. Os neófitos que receberam recentemente os sacramentos da iniciação cristã, os recém-crismados, os novos agentes de pastoral e os novos missionários não devem ser vistos apenas como participantes ocasionais das celebrações. Eles representam um dom que Deus concede à comunidade. A maturidade de uma paróquia manifesta-se também em sua capacidade de acolher, integrar, acompanhar e ajudar essas pessoas a encontrar seu lugar na vida e na missão da Igreja.

O Espírito Santo continua distribuindo dons e chamando cada batizado à corresponsabilidade. Em muitas comunidades existe o risco de que poucos assumam muitas tarefas enquanto outros permanecem apenas como espectadores da vida eclesial. Pentecostes recorda que todos receberam algum dom para colocar a serviço da comunidade. Uma Igreja verdadeiramente animada pelo Espírito não é composta por consumidores de atividades religiosas, mas por discípulos que assumem sua vocação e colocam seus talentos a serviço da evangelização. O crescimento da comunidade depende também dessa consciência de corresponsabilidade e participação.



Pentecostes permanece ainda como um convite à conversão. O Espírito Santo não apenas consola a Igreja, mas a desafia. Ele chama os discípulos a superar acomodações, vencer divisões, abandonar murmurações, fortalecer a comunhão e renovar o ardor missionário. Também nossa comunidade é convidada a escutar essa voz. Diante dos desafios da evangelização, da necessidade de formar novas lideranças, de integrar os neófitos e os recém-crismados, de acolher os que chegam e de ir ao encontro daqueles que se encontram afastados da vida eclesial, Pentecostes recorda que a

Igreja cresce não pela força de seus recursos humanos, mas pela docilidade à ação do Espírito Santo.

Naquela manhã de Pentecostes, a Palavra de Deus ressoou em cinco idiomas diferentes. O gesto recordou que a Igreja fala muitas línguas, vive em muitas

culturas e alcança os mais diversos povos. Mas a mensagem permanece a mesma desde o Cenáculo de Jerusalém até os nossos dias. Cristo está vivo, continua reunindo seu povo e derramando seu Espírito sobre a Igreja para renovar a fé, fortalecer a comunhão e transformar a face da terra.

ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ É ELEITA PARA O CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A Associação Polivalente São José (APSJ) alcançou uma importante conquista institucional ao ser eleita para compor, como membro titular, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Goiânia (CMDCA) para o biênio 2026–2028. O resultado representa um significativo reconhecimento do trabalho social, educativo e humano desenvolvido pela entidade ao longo dos anos em favor de crianças, adolescentes, famílias e idosos em situação de vulnerabilidade. Mais do que a eleição para um organismo colegiado, a conquista manifesta a credibilidade construída pela Associação junto à sociedade civil e aos diversos organismos comprometidos com a promoção da dignidade humana e da cidadania.

No processo eleitoral realizado entre as entidades da sociedade civil habilitadas a participar do Conselho, a Associação Polivalente São José conquistou a oitava colocação entre as instituições eleitas como titulares. O resultado possui especial relevância quando se considera o número de organizações sociais atuantes em Goiânia e os critérios de regularidade jurídica, transparência administrativa, atuação efetiva e compromisso social exigidos para integrar esse espaço de representação. A eleição confirma que o trabalho desenvolvido pela Associação ultrapassa os limites da assistência imediata e alcança reconhecimento como contribuição consistente para a construção de políticas públicas voltadas à infância, à adolescência e ao fortalecimento das famílias.

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente é um dos mais importantes instrumentos de participação social existentes no município. Sua missão consiste em formular, acompanhar, avaliar e fiscalizar as políticas públicas destinadas à promoção, proteção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Cabe também ao Conselho deliberar sobre a aplicação dos recursos do Fundo Municipal dos Direitos

da Criança e do Adolescente, aprovar projetos, acompanhar sua execução e contribuir para o aperfeiçoamento das ações voltadas à infância e à juventude. A presença da sociedade civil nesse organismo assegura que as decisões não sejam construídas apenas pelos órgãos governamentais, mas também por instituições que conhecem de perto os desafios enfrentados pelas famílias e pelas comunidades.

A eleição da Associação Polivalente São José não surgiu por acaso. Ela é fruto de uma história construída ao longo dos anos por meio do trabalho cotidiano, da seriedade institucional e da proximidade com aqueles que mais necessitam. Vinculada à Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a Associação desenvolve iniciativas voltadas à promoção humana, à formação cidadã, ao fortalecimento dos vínculos familiares e ao cuidado com pessoas em situação de vulnerabilidade. Essa atuação permitiu à instituição conquistar respeito, confiança e reconhecimento tanto dentro da comunidade paroquial quanto junto aos organismos públicos e à sociedade civil organizada.

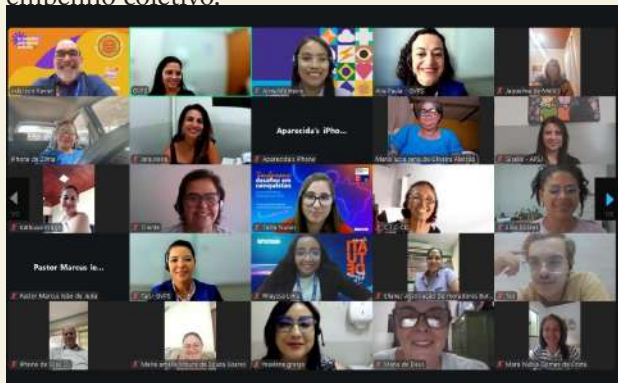
Essa missão torna-se visível por meio dos dois Centros Sociais mantidos pela Associação. O Centro Social São José, localizado no Parque Santa Cruz, e o Centro Social Santa Edwiges, situado no Setor Nova Suíça, constituem espaços concretos de acolhimento, formação, atendimento e promoção humana. Neles são desenvolvidas iniciativas voltadas a crianças, adolescentes, famílias, idosos e pessoas que enfrentam diferentes situações de fragilidade social. Mais do que estruturas físicas, esses centros representam a presença cotidiana de uma comunidade que procura responder às necessidades humanas com solidariedade, competência e espírito de serviço.

Por trás dessa conquista encontram-se muitas pessoas que ajudaram a construir a história da Associação. Merecem especial reconhecimento os associados, que



assumem compromisso formal com a instituição e participam ativamente de sua vida e missão. Da mesma forma, os benfeitores desempenham papel fundamental ao oferecer apoio financeiro e material que permite a continuidade e a ampliação dos projetos desenvolvidos. Em muitos casos, são eles que tornam possível a realização de iniciativas que beneficiam diretamente crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade.

Também é justo reconhecer o trabalho da diretoria, dos conselhos, dos funcionários, dos voluntários e dos inúmeros colaboradores que, diariamente, ajudam a transformar projetos em ações concretas. Muitas vezes, o esforço dessas pessoas permanece longe dos holofotes, mas é justamente esse trabalho silencioso que sustenta a credibilidade da instituição e possibilita que ela continue crescendo e ampliando seu alcance social. Cada atendimento realizado, cada atividade promovida e cada pessoa acolhida carregam a marca desse empenho coletivo.



A conquista alcançada pertence igualmente à Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, mantenedora desta grandiosa obra social. Desde sua origem, a Associação nasceu inspirada pela convicção de que a evangelização não se limita ao anúncio da Palavra, mas

encontra expressão concreta no cuidado com a vida humana, especialmente dos mais frágeis. Ao longo dos anos, a comunidade paroquial tem sido fonte permanente de apoio, incentivo e sustentação para as iniciativas desenvolvidas pela Associação Polivalente São José, oferecendo recursos, voluntários, estruturas e, sobretudo, uma visão cristã que coloca a dignidade da pessoa humana no centro de toda ação.

A eleição para o CMDCA amplia significativamente a missão da Associação. Além de desenvolver projetos e ações sociais, a entidade passa agora a colaborar diretamente nos processos de reflexão, planejamento e acompanhamento das políticas públicas voltadas à infância e à adolescência. Trata-se de uma responsabilidade que ultrapassa os interesses institucionais e se converte em serviço prestado a toda a cidade. A experiência acumulada ao longo dos anos junto às famílias e às situações concretas de vulnerabilidade poderá contribuir para o fortalecimento de iniciativas cada vez mais eficazes na defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

Para toda a comunidade paroquial, este momento é motivo de alegria, gratidão e renovado compromisso. A eleição da Associação Polivalente São José para o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente demonstra que o trabalho realizado com perseverança, transparência e espírito de serviço produz frutos que beneficiam não apenas a instituição, mas toda a sociedade. Ao mesmo tempo, renova a responsabilidade de continuar servindo com humildade e dedicação, mantendo vivo o compromisso de promover a vida, defender a dignidade humana e criar oportunidades para aqueles que mais necessitam. Trata-se de uma conquista que honra a trajetória percorrida, mas que também aponta para novos desafios e novas possibilidades de serviço em favor das futuras gerações.

ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ AMPLIA ESTRUTURA E PREPARA NOVOS HORIZONTES PARA SUA MISSÃO SOCIAL

A Associação Polivalente São José iniciou uma nova etapa de sua história com as obras de adaptação e ampliação do imóvel anexo à sua sede. A casa foi adquirida pela Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges e posteriormente cedida em comodato à Associação para o desenvolvimento de suas atividades sociais, educativas e formativas. O projeto prevê a criação de quatro novas salas de aula, além de cozinha e refeitório, ampliando significativamente a capacidade



de acolhimento, formação e atendimento das crianças, adolescentes, famílias e idosos acompanhados pela instituição. A iniciativa representa uma importante conquista para a obra social e abre novos horizontes para a continuidade e o crescimento de sua missão.

O significado dessa aquisição torna-se ainda mais expressivo quando considerado o contexto vivido pela própria comunidade paroquial. Nos últimos anos, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges tem assumido o grande desafio de levar adiante as obras de construção, acabamento e embelezamento de sua igreja, além da manutenção dos diversos ambientes pastorais, do sustento das atividades de evangelização, da formação de agentes, da ação missionária e das inúmeras iniciativas que compõem a vida cotidiana da comunidade. Mesmo diante dessas responsabilidades e dos elevados investimentos que elas exigem, a paróquia fez a opção de olhar também para as necessidades sociais presentes ao seu redor. A aquisição do imóvel e sua cessão em comodato à Associação Polivalente São José revelam uma escolha pastoral profundamente significativa, demonstrando que a evangelização e a promoção humana caminham juntas e que o anúncio do Evangelho encontra uma de suas expressões mais autênticas no cuidado concreto com as pessoas.

À primeira vista, trata-se de uma reforma e ampliação de um imóvel. Contudo, a obra possui um alcance muito maior. Cada sala que está sendo preparada representa novas possibilidades de formação. Cada ambiente projetado amplia a capacidade de acolher pessoas, desenvolver projetos e oferecer oportunidades de crescimento humano. A futura cozinha e o refeitório permitirão ampliar atividades comunitárias, encontros, oficinas e iniciativas educativas. Os novos espaços favorecerão a criação de projetos que hoje encontram limitações em razão da estrutura disponível. Em outras palavras, não estamos apenas construindo ambientes. Estamos preparando condições para que mais pessoas possam ser alcançadas pela missão da Associação.



Essa conquista é fruto de uma caminhada construída por muitas mãos. Ela traz a marca da fidelidade dos dizimistas que sustentam a vida da paróquia e de todos aqueles que acreditam na importância da promoção humana como dimensão inseparável da missão da Igreja. Traz também a contribuição generosa dos associados, benfeitores, voluntários, parceiros e colaboradores que, ao longo dos anos, ajudaram a consolidar a Associação Polivalente São José como uma presença concreta de cuidado, solidariedade e compromisso social junto aos mais vulneráveis. Muitos desses colaboradores permanecem longe dos holofotes e raramente aparecem nas fotografias ou nos relatórios. No entanto, sua participação está presente em cada conquista alcançada pela instituição.

A Pastoral do Dízimo merece uma palavra especial de gratidão. A aquisição deste imóvel e o início das obras somente foram possíveis porque centenas de famílias compreenderam que sua contribuição vai muito além da manutenção das estruturas paroquiais. O dízimo torna-se instrumento de evangelização, de promoção humana e de transformação social. Por meio dele, a comunidade ajuda a sustentar obras que alcançam pessoas concretas, especialmente aquelas que mais necessitam de apoio, acolhimento e oportunidades. Esta nova etapa da Associação é também fruto da confiança e da corresponsabilidade daqueles que, mês após mês, continuam colaborando com fidelidade.



Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a realização desta obra representa um desafio significativo. Como toda construção, ela exige recursos financeiros, acompanhamento técnico e investimentos constantes. Muitas necessidades surgem à medida que os trabalhos avançam, exigindo adequações e novos esforços para que tudo seja realizado com qualidade e segurança. O entusiasmo diante do crescimento da Associação caminha lado a lado com a responsabilidade de concluir cada etapa de forma adequada e sustentável.

Por essa razão, este é também um momento de mobilização da comunidade. A obra começou, mas ainda depende da colaboração de todos aqueles que acreditam na missão da Associação Polivalente São José. Cada ajuda recebida, independentemente de seu valor, contribui para transformar este projeto em realidade. Cada gesto de solidariedade aproxima a conclusão dos trabalhos e amplia as possibilidades de atendimento para tantas pessoas que serão beneficiadas pelos novos espaços. A construção que hoje vemos avançar é fruto de uma responsabilidade compartilhada e de um sonho que pertence a toda a comunidade.

Ao longo dos últimos anos, a Associação ampliou significativamente sua atuação por meio de projetos voltados às crianças e adolescentes, atividades com idosos, ações de promoção humana, campanhas solidárias, iniciativas de apoio às famílias e diversos programas de acolhimento. Esse crescimento trouxe consigo novas demandas e revelou a necessidade de ampliar a estrutura disponível. A reforma surge exatamente nesse contexto, não como um luxo ou uma obra secundária, mas como uma resposta concreta às necessidades de uma instituição que deseja continuar servindo cada vez melhor.

Ao contemplar as obras em andamento, somos convidados a olhar além dos tijolos, da pintura e das estruturas físicas. O que está sendo preparado é um espaço onde crianças poderão aprender, adolescentes encontrarão novas oportunidades de crescimento, famílias receberão apoio e orientação, idosos continuarão encontrando acolhimento e convivência, e novas iniciativas poderão nascer em benefício da comunidade. Cada ambiente que hoje está sendo construído será, amanhã, um espaço de formação, esperança e transformação de vidas.

A Associação Polivalente São José manifesta sua profunda gratidão a todos os que tornaram possível esta conquista e renova o convite para que a comunidade continue caminhando ao seu lado. Esta obra é resultado da generosidade de muitas pessoas e beneficiará muitas outras nos próximos anos. Mais do que ampliar um prédio, estamos ampliando nossa capacidade de acolher, educar, promover a dignidade humana e testemunhar o Evangelho por meio do serviço. Estamos construindo oportunidades, fortalecendo a esperança e preparando um futuro melhor para aqueles que Deus coloca em nosso caminho.

PADROEIRA DE GOIÂNIA, NOSSA SENHORA AUXILIADORA UNE FÉ, HISTÓRIA E DEVOÇÃO

A Arquidiocese de Goiânia celebrou, no dia 23 de maio, a Solenidade de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da cidade, da Catedral Metropolitana e de toda a Igreja particular goianiense. A Santa Missa, presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva e concelebrada por numerosos sacerdotes da Arquidiocese, reuniu fiéis vindos de diversas paróquias em um momento de oração, comunhão e gratidão. Embora a festa de Nossa Senhora Auxiliadora seja celebrada tradicionalmente em 24 de maio, neste ano a Arquidiocese transferiu sua celebração para o dia anterior. A razão encontra-se na própria organização do Ano Litúrgico da Igreja. Como o dia 24 coincidiu com a Solenidade de Pentecostes, uma das celebrações mais importantes do calendário cristão e que possui precedência litúrgica sobre as festas dos santos, a homenagem à padroeira foi antecipada, permitindo que a

Igreja local celebrasse com a devida solenidade tanto o mistério da vinda do Espírito Santo sobre a Igreja quanto sua mais significativa devoção mariana.



A relação entre Goiânia e Nossa Senhora Auxiliadora remonta aos primeiros anos da nova capital. Em 1942, durante as comemorações do chamado Batismo

Cultural de Goiânia, uma imagem de Nossa Senhora Auxiliadora foi trazida de São Paulo para participar das celebrações que marcavam a consolidação da cidade. A imagem, inicialmente destinada apenas à solenidade, permaneceu definitivamente em Goiânia e passou a ocupar lugar de destaque na vida religiosa da população. Com o passar dos anos, tornou-se um dos símbolos mais conhecidos da fé católica goianiense, acompanhando o crescimento da cidade, a formação de suas comunidades e a história da Arquidiocese.

Esse dado histórico possui um significado que ultrapassa a simples curiosidade. Enquanto Goiânia dava seus primeiros passos, organizava seus bairros e acolhia pessoas vindas de diferentes regiões do país, a presença de Nossa Senhora Auxiliadora ajudava a construir também a identidade espiritual da nova capital. Por isso, a devoção à padroeira não pertence apenas ao patrimônio religioso da Igreja. Ela integra a memória afetiva e cultural da própria cidade. Muitas famílias encontraram diante de sua imagem um lugar de oração, de agradecimento e de esperança, especialmente nos momentos de dificuldade e incerteza.



A origem da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora remonta a séculos anteriores. A invocação “Auxílio dos Cristãos” ganhou força em períodos particularmente difíceis da história da Igreja, quando os fiéis recorreram à intercessão de Maria pedindo proteção e amparo. Mais tarde, o Papa Pio VII instituiu oficialmente a festa de Nossa Senhora Auxiliadora em agradecimento pela libertação da Igreja durante as perseguições napoleônicas. Ao longo do tempo, essa devoção espalhou-se pelo mundo católico como expressão da confiança do povo cristão naquela que continua acompanhando seus filhos nas alegrias, desafios e sofrimentos da vida.

A propagação dessa devoção recebeu impulso decisivo através de São João Bosco. O santo educador dos

jovens via em Nossa Senhora Auxiliadora uma presença constante na missão evangelizadora da Igreja e atribuía a ela os frutos de seu trabalho apostólico. Para Dom Bosco, Maria não era apenas objeto de veneração, mas uma mãe que orienta, protege e conduz os cristãos ao encontro de Cristo. Essa compreensão continua profundamente atual. A verdadeira devoção mariana nunca afasta do Evangelho. Ao contrário, conduz sempre ao seguimento de Jesus, ajudando os fiéis a viverem com maior fidelidade sua vocação cristã.

Ao celebrar sua padroeira, a Arquidiocese de Goiânia recorda também uma importante verdade da fé católica. Maria ocupa lugar singular na vida da Igreja porque foi a primeira discípula de Cristo, aquela que acolheu a Palavra de Deus com inteira disponibilidade e permaneceu fiel ao seu Filho até os pés da cruz. Quando os cristãos recorrem à sua intercessão, não a colocam no lugar de Cristo, mas reconhecem nela uma mãe que continua acompanhando a caminhada dos discípulos. Sob o título de Auxiliadora, Maria recorda que Deus não abandona seu povo e que a história da salvação continua sendo uma história de cuidado, proximidade e amor.



A própria Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiliadora tornou-se, ao longo das décadas, expressão visível dessa presença. Como igreja-mãe da Arquidiocese, ela acolheu momentos decisivos da vida eclesial, celebrações, ordenações, encontros e acontecimentos que marcaram a história da Igreja em Goiás. Ali, diante da imagem da padroeira, passaram sucessivas gerações de fiéis, sacerdotes, religiosos e religiosas que encontraram na oração um apoio para suas lutas e uma fonte de esperança para seus projetos.

A festa de Nossa Senhora Auxiliadora continua sendo, por isso, muito mais do que uma tradição religiosa. Ela expressa a união entre fé, história e devoção. Ao mesmo tempo em que recorda as origens da capital e

da Arquidiocese, convida os fiéis a renovarem sua confiança em Deus e a reconhecerem na Virgem Maria um exemplo de fé, disponibilidade e fidelidade ao Evangelho. Em meio às rápidas transformações do mundo contemporâneo, permanece viva a certeza de que aquela que acompanhou os primeiros passos de Goiânia continua caminhando com seu povo, sustentando sua esperança e conduzindo-o ao encontro de Cristo.

Ao celebrar sua padroeira, Goiânia não olha apenas para o passado. Renova também seu compromisso com o futuro. A mesma fé que ajudou a construir a identidade espiritual da cidade continua presente nas famílias, nas comunidades e na vida de milhares de fiéis que, geração após geração, encontram em Nossa Senhora Auxiliadora um sinal de proteção, consolo e esperança. Sob seu olhar materno, a Igreja segue sua missão de anunciar o Evangelho e testemunhar a presença de Deus no coração da história.

AÇÕES DESENVOLVIDAS EM MAIO REVELAM A AMPLITUDE DA MISSÃO DA ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ

O mês de maio de 2026 evidenciou, mais uma vez, a diversidade de ações desenvolvidas pela Associação Polivalente São José (APSJ) em favor da promoção humana, da proteção social e do fortalecimento dos vínculos comunitários. Ao longo do período, a entidade realizou atividades voltadas à formação de crianças, adolescentes, famílias e idosos, promoveu ações de conscientização social, fortaleceu parcerias institucionais e ampliou sua presença junto a diferentes segmentos da comunidade. Mais do que uma sucessão de eventos, as iniciativas realizadas expressam a missão da Associação de promover a dignidade da pessoa humana por meio de ações educativas, sociais, culturais e assistenciais, especialmente junto àqueles que vivem situações de maior vulnerabilidade.

No dia 11 de maio, a sede da Associação recebeu a visita da Sra. Silvia Varoni e de seu filho, o esportista Gustavo Varoni, ambos membros da comunidade da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. A atividade integrou o Projeto Social “Vôlei é Vida”, iniciativa que busca utilizar o esporte como instrumento de formação humana e inclusão social. Mais do que incentivar a prática esportiva, o projeto procura desenvolver valores fundamentais para a vida em sociedade, como disciplina, respeito, perseverança, trabalho em equipe e responsabilidade. Em uma época marcada pelo isolamento social, pelo excesso de tempo diante das telas e pela carência de referências positivas para muitos jovens, ações dessa natureza contribuem para a construção da autoestima, do senso de pertencimento e de projetos de vida mais consistentes.



O compromisso da Associação com a proteção da infância e da adolescência ganhou especial destaque no dia 18 de maio, data que marca o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Integrando a campanha Maio Laranja, a APSJ promoveu duas palestras de conscientização. A assistente jurídica Alinne Cândido Alves de Melo conduziu a reflexão “Escutar, Acolher e Proteger”, enquanto a assistente social Jeane Alves Guimarães abordou o tema “Orientar, Proteger e Amar”. As atividades procuraram sensibilizar os participantes para a gravidade da violência sexual contra crianças e adolescentes e para a responsabilidade compartilhada de famílias, educadores, instituições e sociedade na prevenção e enfrentamento dessa realidade. Em muitos casos, a proteção de uma criança começa justamente pela capacidade de um adulto perceber sinais de sofrimento, saber escutar e agir adequadamente diante de situações de risco.

As ações do Maio Laranja encontram sintonia com uma das áreas mais importantes de atuação da Associação Polivalente São José: a defesa da dignidade humana e a promoção dos direitos das crianças e adolescentes. Não por acaso, a instituição foi recentemente eleita para compor, como membro titular, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Goiânia (CMDCA) para o biênio 2026–2028. A conquista representa o reconhecimento da credibilidade construída pela entidade ao longo dos anos e reforça sua participação na formulação, acompanhamento e fortalecimento de políticas públicas voltadas à infância e à juventude.



No dia 26 de maio, a assistente social Giselle Ludovico representou a Associação no encontro “Café com Entidades Sociais”, realizado na sede da Organização das Voluntárias de Goiás (OVG). A participação em espaços dessa natureza permite ampliar o intercâmbio de experiências, fortalecer redes de cooperação e criar novas oportunidades de acesso a programas, capacitações e parcerias institucionais. Para uma organização social, atuar em rede significa aumentar sua capacidade de servir, compartilhar conhecimentos e encontrar caminhos mais eficazes para responder às necessidades da população atendida.



O fortalecimento das parcerias comunitárias também esteve presente no encontro realizado no dia 27 de maio com o grupo Mães Mônica, no Centro Pastoral

Santa Edwiges. Na ocasião, o presidente da Associação, Reinaldo Barbosa Lima, acompanhado de sua esposa, Maria Aparecida Carneiro de Oliveira, agradeceu o apoio que o grupo vem oferecendo às atividades da APSJ por meio de bazares beneficentes e outras iniciativas solidárias. Mais do que simples colaboradores, grupos como as Mães Mônica tornam-se corresponsáveis pela missão da Associação, contribuindo para que os projetos sociais alcancem um número cada vez maior de pessoas e famílias.



Encerrando a programação do mês, o Grupo Vivendo a Melhor Idade realizou, no dia 29 de maio, uma confraternização dedicada à celebração do Dia das Mães e dos aniversariantes dos meses de abril e maio. O encontro reuniu idosos participantes das atividades da Associação em um ambiente de convivência, valorização da pessoa idosa e fortalecimento dos vínculos afetivos. Em uma sociedade que frequentemente associa envelhecimento à perda de protagonismo, iniciativas como essa recordam que a promoção humana também passa pelo cuidado com a saúde emocional, pela valorização da experiência de vida e pela criação de espaços onde as pessoas possam sentir-se acolhidas, respeitadas e pertencentes a uma comunidade.

As atividades realizadas ao longo de maio demonstram que a missão da Associação Polivalente São José vai muito além da assistência imediata. Cada projeto, encontro, palestra ou parceria integra um esforço maior de promoção humana, formação cidadã e fortalecimento da solidariedade. Sustentada pelo trabalho de seus associados, benfeitores, voluntários, funcionários e parceiros, e contando com o apoio permanente da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, mantenedora desta obra social, a Associação continua ampliando sua presença junto à comunidade e reafirmando seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e comprometida com a defesa da vida e da dignidade humana.

COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA ENCERRA O MÊS MARIANO NA PARÓQUIA

A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges encerrou o mês mariano com uma das mais belas e tradicionais expressões da piedade popular católica. No domingo, 31 de maio de 2026, durante a Santa Missa das 11 horas, a comunidade reuniu-se para a coroação de Nossa Senhora, momento que há gerações ocupa lugar especial na memória e na espiritualidade do povo cristão. A celebração reuniu crianças, famílias e fiéis de todas as idades, que participaram com profunda devoção desse gesto simples, mas carregado de significado para a vida da Igreja.



A data conferiu um sentido ainda mais especial à celebração. No dia 31 de maio, a Igreja celebra a Festa da Visitação da Virgem Maria, recordando o encontro de Nossa Senhora com sua prima Isabel. Depois de acolher o anúncio do anjo e dizer seu generoso “sim” a Deus, Maria coloca-se imediatamente a caminho para servir. A Visitação revela uma dimensão fundamental da espiritualidade mariana. Quem acolhe verdadeiramente Cristo não permanece fechado em si mesmo, mas torna-se capaz de levar esperança, alegria e cuidado aos outros. Ao concluir o mês dedicado à Virgem Maria, a comunidade foi convidada a contemplar justamente essa mulher que viveu inteiramente voltada para Deus e para os irmãos.

A coroação possui um significado que vai muito além de uma homenagem afetiva. Ao colocar uma coroa sobre a imagem da Virgem Maria, a Igreja reconhece aquela que foi exaltada por Deus em razão de sua humildade, fidelidade e total disponibilidade ao seu projeto de salvação. Maria não é rainha segundo os critérios do mundo. Sua realeza nasce da obediência da fé, da confiança incondicional no Senhor e da

capacidade de transformar o amor em serviço. A coroa torna-se, assim, um sinal visível daquilo que Deus realiza na vida daqueles que se deixam conduzir por sua graça e permanecem fiéis ao seu chamado.

A participação das crianças conferiu à celebração uma beleza particular. Como acontece tradicionalmente em muitas comunidades católicas, elas ocuparam lugar de destaque nesse momento tão esperado, ajudando a tornar visível a simplicidade e a ternura que caracterizam a espiritualidade mariana. Ao vê-las aproximarem-se da imagem de Nossa Senhora para oferecer flores e participar da coroação, a comunidade contemplava também a transmissão da fé entre as gerações. Muitas das lembranças religiosas mais profundas da vida adulta nascem justamente dessas experiências vividas na infância e permanecem guardadas para sempre no coração.



Neste ano, a coroação aconteceu também no contexto da Solenidade da Santíssima Trindade, celebrada pela Igreja naquele domingo. A liturgia recordava o mistério central da fé cristã, o Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. As preces da celebração pediram de modo especial pelas crianças, para que, inspiradas pelo amor da Trindade, cresçam na obediência, na fidelidade e na caridade. São precisamente essas virtudes que resplandecem de modo admirável na vida de Maria. Filha amada do Pai, Mãe do Filho e Templo vivo do Espírito Santo, ela continua sendo para a Igreja modelo de fé, confiança e entrega ao projeto divino.

Ao longo de todo o mês de maio, a comunidade participou intensamente das celebrações, da oração do terço, dos momentos de espiritualidade e das diversas manifestações de devoção mariana promovidas pela

paróquia. A coroação representou o ponto culminante desse caminho de oração, reunindo os fiéis em torno daquela que continua sendo reconhecida como Mãe da Igreja e companheira de caminhada do povo cristão. Em meio aos desafios da vida cotidiana, Maria permanece como sinal de esperança, mulher da escuta, da confiança e da fidelidade ao projeto de Deus.



A celebração encerrou o mês mariano em um clima de gratidão e renovação espiritual. Diante da imagem coroadada de Nossa Senhora, a comunidade confiou-lhe suas famílias, seus enfermos, suas crianças, seus jovens e todos aqueles que enfrentam dificuldades e desafios. Sob o olhar de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Edwiges, os fiéis renovaram a certeza de que Maria continua acompanhando seus filhos e conduzindo-os ao encontro de Cristo.

Ao concluir esse tempo de especial devoção mariana, permanece o convite que a própria Virgem dirigiu aos serventes nas Bodas de Caná e que continua ecoando para toda a Igreja: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Nessa escola de escuta, confiança e fidelidade, a comunidade deseja continuar sua caminhada, aprendendo com Maria a acolher a Palavra de Deus e a transformá-la em gestos concretos de amor, serviço e missão.

A CASA DE DEUS ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Débora Ávila¹

PARTE I

DA CASA DE PEDRO ÀS PRIMEIRAS IGREJAS

Toda sociedade cria lugares que considera especiais. Alguns são preservados porque testemunharam acontecimentos decisivos. Outros porque guardam a memória de pessoas admiradas ou de fatos que ajudaram a moldar a identidade de uma comunidade. Há espaços que sobrevivem ao tempo não pela qualidade



de seus materiais nem pela imponência de sua arquitetura, mas porque neles uma coletividade reconhece algo que considera digno de ser lembrado. A história das igrejas cristãs começa precisamente nesse ponto, no encontro entre memória, experiência humana e espaço construído.

Quando observamos uma igreja nos dias de hoje, seja uma pequena capela rural, uma matriz paroquial ou uma grande catedral, dificilmente imaginamos que a origem de toda essa tradição arquitetônica remonta a ambientes extremamente simples. Antes das torres, dos vitrais, dos sinos e das fachadas monumentais, houve casas. Antes dos grandes espaços litúrgicos, havia salas compartilhadas por pequenos grupos de discípulos. Antes da arquitetura cristã tornar-se uma das expressões mais influentes da história da arte ocidental, existiram comunidades reunidas para recordar a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré. A forma arquitetônica viria depois. A experiência comunitária veio primeiro.

Para compreender esse processo, é necessário retornar à Palestina do século I. Situada na periferia oriental do Império Romano, a região ocupava uma posição

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura pelo Patrimônio pelo Politécnico de Torino, Itália.

estratégica entre o Mediterrâneo e o Oriente Próximo. Mercadores, soldados, peregrinos e viajantes percorriam continuamente suas estradas, transportando mercadorias, línguas, costumes e tradições. A Galileia, onde Jesus desenvolveu grande parte de sua vida pública, era uma região marcada por intensos intercâmbios culturais. Suas aldeias distribuíam-se ao redor do Lago de Genesaré, conhecido também como Mar da Galileia, uma importante fonte de subsistência para pescadores e agricultores. Embora frequentemente imaginada como uma região isolada, a Galileia encontrava-se integrada às dinâmicas econômicas e sociais do mundo romano.

Entre essas localidades destacava-se Cafarnaum. Situada na margem noroeste do lago, a aldeia contava com uma população estimada em não mais de mil a mil e quinhentos habitantes no século I, mas ocupava posição estratégica na Via Maris, a principal artéria comercial do mundo antigo, que ligava o Egito à Mesopotâmia passando pela Síria. Ficava ainda na fronteira entre as tetrarquias de Herodes Antipas, que governava a Galileia, e de Filipe, que controlava a Gaulanítide a leste, o que explica a presença de um posto alfandegário e de guarnição romana na localidade. Os Evangelhos apresentam Cafarnaum como um dos principais cenários da atividade de Jesus. Ali estavam a casa de Pedro, a sinagoga frequentada por seus habitantes e uma população composta por pescadores, comerciantes e viajantes. A aldeia funcionava como uma espécie de fronteira, lugar de circulação, encontro e convivência entre diferentes grupos sociais. Não deixa de ser significativo que o cristianismo tenha começado a estruturar sua memória precisamente em um ambiente marcado pela abertura e pelo encontro.

As habitações daquela região organizavam-se em torno de pátios internos compartilhados e acolhiam famílias extensas que viviam de forma profundamente comunitária. Trabalho, alimentação, educação das crianças e transmissão das tradições religiosas aconteciam nos mesmos espaços. A arquitetura refletia uma cultura baseada na proximidade e na convivência cotidiana. Quando lemos os Atos dos Apóstolos e as cartas do Novo Testamento, percebemos que as primeiras comunidades cristãs encontraram nessas estruturas domésticas um ambiente particularmente favorável ao seu desenvolvimento. A experiência da fé não se sobrepunha à vida comum. Ela acontecia dentro dela.

Foi nesse contexto que surgiu um dos lugares mais importantes para a história da arquitetura cristã. Escavações conduzidas pelo frei franciscano Virgílio Corbo a partir de 1968, ao longo de dezenove campanhas arqueológicas, identificaram em Cafarnaum casas que remontam ao século I da Era Cristã. Entre elas encontra-se uma residência tradicionalmente

associada ao apóstolo Pedro. O interesse dos pesquisadores não se concentrou apenas na possibilidade de identificação do local, mas sobretudo na maneira como ele foi tratado pelas gerações posteriores. Nas paredes rebocadas da sala principal foram encontrados grafites em aramaico, grego, siríaco e latim, contendo palavras como “Jesus”, “Senhor”, “Cristo” e “Pedro”, alguns deles com as expressões “Pedro, chefe dos apóstolos” e “Pedro, príncipe dos apóstolos”. Enquanto as demais casas do conjunto urbano passaram por transformações ordinárias, aquela recebeu uma atenção singular: seus ambientes foram ampliados e o espaço começou a assumir funções diferentes das originalmente domésticas.



Do ponto de vista patrimonial, esse processo é extraordinário. O valor da casa não estava em sua arquitetura. Tratava-se de uma construção simples, semelhante a tantas outras da região. O que a tornou especial foi a memória associada a ela. A comunidade cristã reconheceu, naquele lugar, uma narrativa digna de ser preservada. Aos poucos, a antiga residência transformou-se em espaço de reunião, oração e peregrinação. A arquitetura começou a surgir como instrumento de conservação da memória coletiva. Muito antes de existirem igrejas monumentais, os cristãos já compreendiam intuitivamente algo que os estudos contemporâneos sobre patrimônio cultural afirmariam séculos depois: certos lugares merecem ser preservados porque ajudam uma comunidade a recordar quem ela é.

A evolução posterior da casa de Pedro revela a força dessa dinâmica. Um documento do século IV chamado *Itinerarium*, escrito pela peregrina Egéria, afirma que a “casa do príncipe dos apóstolos foi transformada em igreja; contudo, as paredes da casa ainda estão de pé, como eram originalmente”. As escavações identificaram uma estrutura do século IV construída em forma octogonal diretamente sobre a casa de Pedro, à qual foi acrescentado um batistério no século V. Cada geração acrescentou uma nova camada arquitetônica sem apagar completamente a anterior. O resultado é um raro testemunho de continuidade histórica, no qual a transformação física do espaço acompanha a transformação da própria comunidade que o habita. Atualmente, um memorial moderno foi construído

sobre o sítio, com piso de vidro que permite aos visitantes contemplar as ruínas sem entrar em contato físico com elas.

A experiência de Cafarnaum não foi um caso isolado. Durante os três primeiros séculos do cristianismo, as comunidades reuniam-se predominantemente em ambientes domésticos. As fontes cristãs mais antigas mostram grupos que se encontravam em residências particulares para ouvir a Palavra, celebrar a Eucaristia e fortalecer os vínculos comunitários. A ausência de edifícios especificamente religiosos não representava uma limitação. Pelo contrário. A configuração desses espaços favorecia uma experiência de proximidade que marcou profundamente a compreensão cristã da comunidade. A reunião dos fiéis acontecia em ambientes originalmente destinados à vida familiar. De certa forma, a Igreja nascente compreendia-se como uma família ampliada.

Um dos testemunhos arqueológicos mais importantes dessa realidade encontra-se em Dura-Europos, antiga cidade helenística situada às margens do rio Eufrates, na atual Síria. Ali foi identificado um edifício cristão que se acredita ter sido uma residência privada convertida para uso religioso entre 233 e 256 d.C., construído segundo a tradição local e um conjunto de salas organizadas ao redor de um pátio central. É o único edifício que pode ser definitivamente associado a uma assembleia cristã anterior à legalização do cristianismo no Império Romano. Sua preservação se deve a um acidente feliz: quando os persas sitiaram a cidade em 256 d.C., os romanos construíram uma rampa de assédio que soterrou o edifício, mantendo intactas suas paredes e pinturas por séculos. O edifício continua semelhante a uma casa, mas já anuncia uma nova forma de ocupação do espaço. A arquitetura começa a responder às necessidades específicas da vida cristã.

Também as catacumbas desempenharam papel fundamental nesse período. Foram escavadas fora das muralhas de Roma, pois a lei romana proibia sepultamentos dentro dos limites da cidade. Embora destinadas principalmente ao sepultamento dos mortos, preservam algumas das mais antigas manifestações da arte cristã, que remontam ao início do século II. Em seus afrescos surgem o Bom Pastor, a videira, a pomba, a âncora e o peixe, o Ictus, cujas letras em grego formavam o acrônimo de “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. Essas representações revelam um aspecto frequentemente esquecido da história da arte: o cristianismo não criou imediatamente uma linguagem visual própria. Durante as perseguições, a arte cristã era deliberadamente ambígua, apropriando-se de formas e técnicas presentes na cultura romana e reinterpretando-as à luz da fé. A arte cristã nasce do diálogo entre tradição e inovação, característica que

continuará marcando a arquitetura religiosa ao longo dos séculos.

Outro aspecto particularmente interessante desse período é a crescente associação entre espaço e simbolismo. A orientação dos locais de oração em direção ao Oriente, por exemplo, possuía significado que ultrapassava a mera disposição geográfica. O nascer do sol era associado à Ressurreição e à esperança da manifestação definitiva de Cristo. Aos poucos, a arquitetura começou a incorporar essa visão simbólica do mundo. O espaço deixava de ser apenas funcional. Tornava-se portador de significados. Essa transformação representa um passo decisivo para compreender toda a história posterior da arquitetura cristã.

A própria igreja octogonal construída sobre a casa de Pedro participa dessa lógica. Para os cristãos antigos, o número oito simbolizava a nova criação inaugurada pela Ressurreição, o “oitavo dia” que transcende o ciclo semanal da criação. Por essa razão, muitos batistérios adotaram formas octogonais, como o célebre Batistério de Latrão em Roma e o de Milão, ambos do século IV. A geometria tornava-se uma linguagem teológica. O edifício não apenas acolhia uma celebração. Também comunicava visualmente aquilo que a comunidade acreditava. Essa relação entre forma e significado atravessará toda a história da arte cristã, das primeiras igrejas às grandes catedrais medievais.

Ao observar essas experiências, percebemos que a origem da arquitetura cristã não está na busca pela monumentalidade, mas na necessidade de dar permanência a uma memória compartilhada. A primeira grande contribuição do cristianismo para a história da arquitetura talvez não tenha sido a invenção de novas formas construtivas, mas a compreensão de que determinados espaços podem tornar-se depositários da identidade de uma comunidade. Neles permanecem gravados as marcas de gerações sucessivas, seus gestos, suas orações, suas esperanças e sua maneira de compreender o mundo.

Muito antes das torres que hoje se elevam sobre cidades e povoados, a fé cristã encontrou abrigo em uma casa simples às margens do Mar da Galileia. Foi ali que começou uma história que atravessaria continentes, culturas e séculos. Todas as igrejas construídas desde então conservam algo daquela experiência original, a convicção de que o espaço pode tornar-se lugar de encontro, memória e transcendência. Nos séculos seguintes, porém, a Igreja deixaria progressivamente os ambientes domésticos e passaria a ocupar o espaço público das cidades. Surgiriam as grandes basílicas, os primeiros centros episcopais e uma nova relação entre fé, arquitetura e urbanismo. Essa será a próxima etapa de nossa caminhada.

A HISTÓRIA DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA E A CONSTRUÇÃO DA FÉ NA CAPITAL

Leonardo Bruno²

PARTE IV

Após percorrer, nos números anteriores da Revista Digital A Caminho de Emaús, os períodos de Dom Fernando Gomes dos Santos e Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, chegamos a uma nova etapa da história da Arquidiocese de Goiânia. Cada pastor deixou marcas próprias na vida da Igreja local, contribuindo para sua consolidação, crescimento e presença evangelizadora em uma cidade que se expandia rapidamente e assumia papel cada vez mais relevante no cenário nacional.



Nesta quarta parte de nossa série, voltamos o olhar para o episcopado de Dom Washington Cruz, CP, que conduziu a Arquidiocese entre 2002 e 2021. Seu longo ministério coincidiu com profundas transformações sociais, culturais e urbanas vividas por Goiânia e pela região metropolitana. Nesse contexto, a Igreja foi chamada a fortalecer sua

presença missionária, reorganizar suas estruturas pastorais, ampliar os processos formativos e responder aos novos desafios apresentados pela sociedade contemporânea. A compreensão desse período permite perceber não apenas importantes iniciativas pastorais e institucionais, mas também a continuidade da missão evangelizadora da Igreja em uma realidade marcada por constantes mudanças.

REORGANIZAÇÃO PASTORAL E IMPULSO MISSIONÁRIO SOB DOM WASHINGTON CRUZ (2002–2021)

Nomeado por São João Paulo II em 8 de maio de 2002 e empossado em 14 de julho do mesmo ano, Dom Washington Cruz assumiu a Arquidiocese de Goiânia em um período de profundas transformações sociais, urbanas e culturais. Religioso passionista, nascido em Itabuna, na Bahia, e formado entre o Brasil e Roma, trazia consigo uma sólida experiência pastoral adquirida ao longo dos anos de ministério sacerdotal e episcopal, especialmente à frente da Diocese de São Luís de Montes Belos. Seu lema episcopal, **Praedicamus Crucifixum** — “Anunciamos o Crucificado” (1Cor 1,23) — expressava uma espiritualidade profundamente marcada pelo mistério da cruz e pela convicção de que a missão da Igreja deve estar sempre próxima das pessoas, sobretudo das mais necessitadas. Ao iniciar seu ministério em Goiânia, encontrou uma Arquidiocese consolidada em suas estruturas, mas chamada a responder aos desafios de uma região metropolitana em acelerado crescimento populacional, marcada

² Jornalista e advogado, Mestre em Políticas Públicas, UFG-GO

pela expansão urbana, pelo surgimento de novos bairros e pelas exigências de uma sociedade em constante transformação.



Missa Solene de Criação e Instalação da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges

Uma das marcas mais significativas de seu episcopado foi a reorganização pastoral da Arquidiocese. Após amplo processo de escuta das comunidades e de reflexão conjunta, Dom Washington promoveu a criação dos Vicariatos Episcopais Territoriais e dos Vicariatos Ambientais, favorecendo uma maior proximidade entre o governo arquidiocesano e a realidade concreta das paróquias. Essa nova configuração permitiu descentralizar ações, fortalecer a articulação pastoral e criar condições para que a evangelização acompanhasse mais de perto o crescimento da cidade e das regiões periféricas. A reorganização não teve apenas caráter administrativo. Ela procurou responder a



Visita Pastoral de Dom Washington Cruz à Paróquia

uma visão de Igreja mais missionária, participativa e próxima do povo, fortalecendo a presença pastoral em diferentes ambientes da vida social e ampliando os espaços de corresponsabilidade e colaboração entre clero, religiosos e leigos.

A formação recebeu atenção especial ao longo de todo o seu governo pastoral. Convencido de que uma Igreja viva depende da qualidade humana, espiritual e intelectual de seus agentes, Dom Washington incentivou a consolidação do Seminário Maior Arquidiocesano e apoiou a criação de novos espaços voltados à formação vocacional, filosófica, teológica e ministerial. Surgiram ou se fortaleceram iniciativas como o Curso Propedêutico Santa Cruz, o Centro Vocacional São João Paulo II, o Instituto Santa Cruz de Filosofia e Teologia, a Escola Diaconal Santo Estêvão e a Escola de Ministérios. Essas instituições contribuíram para preparar sacerdotes, diáconos e leigos para uma atuação evangelizadora mais qualificada, capaz de dialogar com uma realidade social cada vez mais complexa e plural.

Durante seu episcopado ocorreu também um dos acontecimentos mais importantes da história recente da educação católica em Goiás. Em 2009, a então Universidade Católica de Goiás recebeu da Santa Sé o título de Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O reconhecimento representou muito mais que uma mudança de nomenclatura. Ele reafirmou a identidade eclesial da instituição e fortaleceu seu compromisso com a produção do conhecimento, a pesquisa acadêmica e a formação humana iluminada pelos valores do Evangelho. Como Grão-Chanceler, Dom Washington acompanhou de perto esse processo, contribuindo para consolidar o papel da universidade como importante espaço de diálogo entre fé, cultura e sociedade.

Outro marco relevante de seu governo foi a realização do Sínodo Arquidiocesano em 2012. Preparado ao longo de três anos por meio de um amplo processo de participação das comunidades,

o Sínodo procurou ouvir as diferentes realidades da Arquidiocese e refletir sobre os caminhos da evangelização para o futuro. Estruturado em torno de três grandes eixos — Palavra, Liturgia



Dom Washington Cruz celebrando em nossa Paróquia

e Caridade —, o processo sinodal fortaleceu a consciência de comunhão e corresponsabilidade e gerou orientações que continuam influenciando o planejamento pastoral arquidiocesano. Mais do que um evento, o Sínodo tornou-se uma experiência de Igreja em saída, disposta a escutar, discernir e renovar continuamente sua ação evangelizadora. Quando concluiu seu ministério em Goiânia, em dezembro de 2021, Dom Washington deixava uma Arquidiocese profundamente transformada pela expansão de suas estruturas pastorais, pelo fortalecimento dos processos formativos e pela ampliação da presença missionária junto às comunidades. Sua contribuição não pode ser medida apenas pelas obras realizadas ou pelas decisões administrativas tomadas ao longo dos anos. Ela se expressa também na formação de uma geração de sacerdotes, diáconos, religiosos e lideranças leigas que ajudaram a construir uma Igreja mais próxima das pessoas e mais consciente de sua missão evangelizadora. A chegada de Dom João Justino de Medeiros Silva abriu uma nova etapa na história arquidiocesana, mas encontrou uma Igreja fortalecida por um longo processo de reorganização pastoral e renovação missionária que marcou profundamente a trajetória da Arquidiocese de Goiânia nas primeiras décadas do século XXI.

Horários de Missas

Segunda-feira: **06h45**

Terça-feira: **06h45** e **19h30**

Quarta-feira: **06h45**, **15h** e **19h30**

Quinta-feira: **06h45** e **19h30**

Sexta-feira: **06h45** e **19h30**

Sábado: **06h45** e **17h**

Domingo: **07h**, **09h**, **11h**, **16h**, **18h** e **20h**

☎ **62 3259-8374** 📞 **62 98410-0165**

🌐 www.paroquiasantaedwigesl6.org.br

📷 [@paroquiasantaedwigesl6](https://www.instagram.com/paroquiasantaedwigesl6)

Paróquia
Nossa Senhora Aparecida
e Santa Edwiges



Doações e Dízimo

Pix (CNPJ): 01.569.466/0119-67

Banco do Brasil

Agência 4148-3

Conta Corrente: 2.200.865-9